

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INDIVIDUAL

**Elementos da dinâmica espacial do município de Osasco:
Processos de Segregação Socioespacial da População Negra.**

SÃO PAULO
AGOSTO DE 2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Yuri Tales Bernardes de Oliveira

**Elementos da dinâmica espacial do município de Osasco:
Processos de Segregação Socioespacial da População Negra.**

Trabalho de Graduação Individual
apresentado ao curso de Geografia da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas Universidade de
São Paulo. Orientador: Prof. Dr.
Eduardo Donizeti Giroto

SÃO PAULO
AGOSTO DE 2018

*Dedico esse trabalho
aos que fazem e se fizeram
aos presentes e ausentes
que dessa terra já não esperam
Por outra realidade
Trago sua verdade
E o que eu dedico se encerra*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a oportunidade que me foi dada por pai Olorum nessa encarnação, por poder acessar o conhecimento e a partir do mesmo contribuir de alguma forma em favor dos que sofrem para além da materialidade e da minha vontade, mas por meio de uma intenção já de caridade e de fé. E apesar do encontro com a minha religião e dela emergir a minha visão do mundo atual – de algo para além do que se pode ver, mas também o que se pode sentir –, tenho muito claramente que a injustiça na Terra quem cria é o “homem” e não, diretamente, o além. Por isso, se faço da Umbanda a minha “ciência” do espírito, tenho na geografia a ferramenta de compreensão do mundo em que estamos, da injustiça material, combatendo-a tal qual pai Ogum com sua armadura e espada. Agradeço a todos os Orixás e ao Axé que tem me conduzido nessa linda vida às lindas pessoas.

Mas sempre ciente de que os caminhos que me foram abertos partiram da Encruzilhada e têm sido guiados pelos espíritos consoladores que tanto me guardam e que tanto amo, em especial “padinho” Zé Pelintra e ao Exú Tranca Ruas, que traçam sua evolução por meio de sua caridade para comigo e outras dezenas e centenas de pessoas através de Mel, sob os batuques de Axé de Ogan Cleiton. Se aqui estou sentado e digitando esse trabalho, é a eles, Pai Carlos e a todos e todas do Terreiro do Caboclo Aymoré, Baiano Zeferino e Exú Calunguinha, e à Capoeira a quem credito a vontade espiritual que me conduz à conclusão desse trabalho e da minha Graduação, que já se estende por mais de 8 anos.

Voltando à realidade terrena, agradeço pela família que tenho, da qual para essa encarnação não poderia escolher outra. Agradeço às minhas raízes mineiras e interioranas ligadas pela ancestralidade de meus antepassados, iniciando por dois guerreiros chamados Ilza e Jorge, que por coincidência nessa encarnação me surgem como pais queridos e de amor infinito. Dois guerreiros que nunca hesitaram em deixar com que faltasse a mim e meus irmãos o “pão de cada dia” e de quem herdei a solidariedade, a compaixão ao próximo e a bondade. Grato sou, também, por meus dois melhores amigos compulsórios, dos quais sempre formalmente chamo de irmãos, Andrei e Iago. Dedico esse trabalho a todos eles e a todos meus ancestrais, incluindo aí meu finado “Avohai” Domingos.

Agradeço à camaradagem mandingueira da capoeira, começando pelos professores Womualy e Tábatta, minhas manas e manos Dédi, Veridiana, Cris, Yvonne, Aninha, Cris, Tati, Carla, Rafaela, Vanessa, Carito, Daniel, Júlio, Bia, Henrique, Rodrigo, Léo, Isa, Lucas, Nata, Mafê, Flávio, Victor, Mayara, Regis, Igino, aos erês Jahmmal e Bernardo.

Sou grato a todos e todas do CRUSP, começando por meus irmãos de casa – Casa do Cafezinho 209 – Lucas e Juliano, cuja parceira vai além do plano material e sem os quais faltariam muitas risadas e o aprendizado de que é melhor estar no mundo cantando e clamando, sorrindo e chorando, sofrendo e aprendendo, culpando e perdoando. Saúdo a todos dos blocos D e à turma do segundo andar: Dona Erva, à banda Dona Crô, ao povo do 203, 204, aos palhaços Osmar e Luiza, ao Renatão, Gonçalo, Choque, aos vizinhos queridos do Quilombo Embuguaçuense, Taio! Também não esqueço das minhas queridas amigas Ligeanas Verde, Lorena e ABS, além de toda a turma 2010 (Mafagafo, Mestre dos Magos, Chiquinha e etc).

Não poderia esquecer de camaradas Rizomáticos que chacoalharam minhas estruturas mentais, físicas e emocionais, fazendo da graduação um mar de emoções e de transições. Por motivos de “segurança” não lhes citarei os nomes! Tenho certeza que entenderão!

Agradeço aos colegas da Geografia, que são muitas pessoas queridas, mas que terei de principalmente citar meu camarada Rafa Leopoldo, que muito me auxiliou com os mapas desse trabalho, Mandi, que me forneceu diversos referenciais teóricos, e Júlio, que me auxiliou a pensar e desenvolver a temática apresentada aqui.

Também não posso deixar de lembrar dos colegas de trabalho do IBGE Osasco: Cris, Edicléia, Santiago, Vanderlei, Talita, Matheus, Michelly, Nagela, Moisés e Lenir. Agradeço por toda ajuda que forneceram na integração aos dados e pesquisas que muito me referenciaram nesse trabalho e pela possibilidade de compartilhar o olhar sobre todos os ângulos da paisagem e dinâmica de Osasco e seus moradores.

Agradeço aos amigos Raquel, Mayra, Paulo e Gabriel, que muito me incentivaram e me ajudaram a olhar o mundo em outras perspectivas e que, com certeza, lerão esse trabalho.

Agradeço minha atual companheira Bárbara pelo amor, força, foco e pela revisão textual!

*“A história nos engana
Diz tudo pelo contrário
Até diz que abolição
Aconteceu no mês do maio
A prova dessa mentira
É que da miséria ou não saio
Viva vinte de novembro
Momento para se lembrar
Não vejo no treze de maio
Nada para comemorar
Muitos tempos se passaram
E o negro sempre a lutar
Zumbi é nosso herói
Zumbi é nosso herói, colega véi
Do Palmares foi senhor
Pela causa de homem negro
Foi ele que mais lutou
Apesar de toda luta, colega véi
O negro não se libertou, camara”*

(Paulo Trindade Moraes, mais conhecido como Mestre Moraes - Ladainha Rei Zumbi dos Palmares - 1994)

RESUMO

Oliveira, Yuri Tales Bernardes de. **Elementos da dinâmica espacial do município de Osasco: Processos de Segregação Socioespacial da População Negra**. Trabalho de Graduação Individual (TGI). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Este trabalho tem por objetivo compreender o processo de segregação socioespacial em sua face racial no município de Osasco, localizado a oeste da Região Metropolitana de São Paulo. Trabalhando com os conceitos da geografia urbana crítica e partindo de uma ampla reconstituição dos processos de inserção do Brasil na constituição do capitalismo mundial e suas etapas na Divisão Territorial do Trabalho, do histórico da população negra no país e da reestruturação produtiva de Osasco, estabelecendo uma relação com os elementos anteriores. Para tal foi constituída metodologia de trabalho amplamente fundada na confecção e análise de mapas e tratamento de dados estatísticos referentes a trabalho, escolaridade, acesso a bens, indicadores sociais e territorialidade – elaborados a partir das fontes de documentos e dados de órgãos públicos do município, Ministério do Trabalho e importantes órgãos de pesquisa e suas respectivas publicações acerca da questão racial, desigualdade e trabalho –, buscando correlações e tendências espaciais que possam evidenciar a dimensão do racismo institucional no espaço urbano e seu reflexo sobre a população negra e periférica em Osasco.

Palavras-chave: Segregação Socioespacial. Segregação Racial. Divisão Territorial do Trabalho. Osasco. População Negra. Periferia.

RESUMEN

Oliveira, Yuri Tales Bernardes de. **Elementos de la dinámica espacial del municipio de Osasco: Procesos de Segregación Socioespacial de la Población Negra**. 2018. Trabajo de Graduación Individual (TGI). Facultad de Filosofía, Letras e Ciências Humanas, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2018.

Este trabajo tiene como objetivo comprender el proceso de segregación socioespacial a través de su aspecto racial en el municipio de Osasco, ubicado en la zona oeste de la Región Metropolitana de São Paulo. A partir de los conceptos de la geografía urbana crítica y de la amplia reconstitución de los procesos de inserción de Brasil en la constitución del capitalismo mundial y sus etapas en la División Territorial del trabajo, del histórico de la población negra en el país y de la reestructuración productiva de Osasco, estableciendo una relación entre los elementos anteriores. Para ello, se constituyó una metodología de trabajo fundada en la elaboración y análisis de mapas y en la organización de datos estadísticos referentes al trabajo, escolaridad, acceso a bienes, indicadores sociales y territorialidad – elaborados a partir de la documentación y datos de órganos públicos del municipio, Ministerio del Trabajo e importantes órganos de investigación y sus respectivas publicaciones sobre la cuestión racial, la desigualdad y el trabajo-, buscando correlaciones y tendencias espaciales que puedan evidenciar la dimensión del racismo institucional en el espacio urbano y sus reflejos para la población negra y periférica en Osasco.

Palabras-clave: Segregación Socioespacial. Segregación Racial. División Territorial del Trabajo. Osasco. Población Negra. Periferia.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Vista para o Pico do Jaraguá (Norte) a partir do bairro Jaguaribe (Sul)

Figura 2: Gráfico de distribuição da população ocupada, segundo a cor, por grupos de atividade.

Figura 3: Tabela de preços dos 10 bairros mais caros em Osasco

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição da renda interna por Regiões

Tabela 2: Ocupações exercidas por negros livres e escravos em 1872

Tabela 3: Comparativo da contratação de estrangeiros e brasileiros nas principais empresas da cidade de São Paulo – 1903

Tabela 4: Rendimento Médio dos Empregos Formais por Grande Setor de Atividade Econômica em Osasco, Grande São Paulo e Estado de São Paulo em 2016

Principais atividades por empregos formais na área de ponderação Centro, Presidente Altino + Umuarama, Cidade de Deus

Tabela 5: Participação dos empregos formais em Osasco no período de 2012 a 2016.

Tabela 6: Estimativa do rendimento médio mensal no trabalho principal em 07/2010 por cor ou raça.

Tabela 7: Estimativa do rendimento médio mensal total em 07/2010 por cor ou raça

Tabela 8: Estimativa do rendimento médio mensal no trabalho principal em 07/2010 por vinte classes de atividade econômica com maior participação.

Tabela 9: Classes de atividade econômica com maior participação no estoque segundo Áreas de Ponderação.

Tabela 10: Números de empregos formais por grande setor de atividade econômica.

Tabela 11: Número absoluto de empregos celetistas por raça/cor segundo áreas de ponderação de Osasco – 2015.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Sistema viário de Osasco

Mapa 2: Procedência dos migrantes do estado de São Paulo

Mapa 3: População negra residente na cidade de Osasco – SP 2010

Mapa 4: Densidade demográfica por setores censitários - 2010

Mapa 5: Número de indivíduos não alfabetizados com 15 anos ou mais por setores censitários de Osasco- 2010

Mapa 6: Índice de vulnerabilidade social em Osasco - 2010

Mapa 7: População residente negra (pretos e pardos) em Osasco por área de ponderação do IBGE (2010).

Mapa 8: População residente por nível de instrução em Osasco segundo áreas de ponderação do IBGE (2010).

Mapa 9: Estimativa da população residente ocupada – negros (pretos e pardos) em Osasco segundo áreas de ponderação do IBGE (2010)

Mapa 10: Estimativa do número de domicílios com esgotamento do tipo outros em Osasco segundo áreas de ponderação do IBGE (2010).

Mapa 11: Diferença percentual de empregos formais celetistas entre brancos e negros (pretos e pardos) em Osasco.

Mapa 12: Predominância de empregos formais por grande setor de atividade econômica.

Mapa 13: Predominância de faixas de renda por área de ponderação em Osasco - 2015.

Mapa 14: Número de Beneficiários dos programas redistributivos em Osasco – de 2005 a 2015.

Mapa 15 Total de número absoluto de empregos formais por área de ponderação em Osasco - 2015.

Mapa 16: Favelas, áreas de risco e alagamento em Osasco.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1.1 PROCESSO HISTÓRICO E A DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO.....	18
1.1.1 DO BRASIL COLÔNIA AO INÍCIO DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO.....	18
1.1.2 CAPITALISMO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	20
1.2 BREVE HISTÓRICO DO POVO NEGRO NO BRASIL.....	21
 2.1 O MUNICÍPIO DE OSASCO: A DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO E A DIVISÃO RACIAL DO TRABALHO.....	 29
 3.1 DA DIVISÃO SOCIAL E TERRITORIAL DO TRABALHO À SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E RACIAL.....	 43
 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 48
 5 REFERÊNCIAS.....	 52
 6 ANEXOS.....	 55

INTRODUÇÃO

Incapaz de fugir aos olhos de qualquer análise plausível acerca da sociedade brasileira e seu processo histórico, a questão racial e seus reflexos atuais têm tido árdua presença nos mais diversos espaços e debates. Seja em livros, textos, internet, jornais e até na televisão – ainda o maior veículo de massas no Brasil. Infelizmente, apesar da importância contida nesse debate, ainda é uma temática trazida de modo muito recente para a academia, estudos e na reflexão política, de modo que quando tratado pela geografia, a questão racial ainda está sendo introduzida.

O objetivo desse trabalho busca estabelecer relações entre os processos de segregação socioespacial e o racismo, trazendo – apesar das limitações já estabelecidas pelo pouco aprofundamento de uma monografia – uma fagulha que mantenha acesa a chama de uma reflexão. Pensa-se aqui, portanto, em averiguar se de fato podemos pensar em como adequar os conceitos geográficos para retratar a questão racial e a sua interseccionalidade com o processo de desenvolvimento do capitalismo, de modo que o debate não se esgote apenas no debate sobre a luta de classes, mas que se apure e aprofunde a partir de tais ferramentas conceituais, tendo em vista o espaço e seus elementos constitutivos.

Quando se busca compreender processos e fenômenos que digam respeito ao espaço, sem dúvida a localização e o cenário que darão a materialidade ao trabalho são mais do que importantes, assim como a relação do pesquisador com a categoria lugar e, no caso desse que vos dirige a palavra, é em Osasco – município componente da Região Metropolitana do Estado de São Paulo. Entretanto, Osasco não está num vácuo e se construiu ao longo do processo histórico do estado de São Paulo, este no do Brasil e este último com o processo global de constituição do que hoje Santos (2009) nos legou com o conceito de Globalização, não numa linha reta, mas num processo que se daria como uma teia de totalidade em processo contínuo de totalização.

Este Trabalho de Graduação Individual inicia por breves pinceladas contextualizantes, primeiramente sobre a Divisão Territorial do Trabalho ao longo do processo histórico de constituição do capitalismo mundial, brasileiro e paulista, com base na bibliografia consultada sobre o tema, de modo que se possa reconstituir o

caráter do espaço econômico e em como os reflexos sociais, políticos e históricos refletem na atual Divisão Territorial do Trabalho no espaço brasileiro.

Num segundo momento, tentaremos esboçar um quadro histórico da população negra e sua constituição no Brasil, assim como focar principalmente no processo transitório da mão de obra escrava, negra, pela mão de obra europeia, com base no trabalho de Ramatis (2013), que faz uma excelente análise do período com forte embasamento nas legislações referentes aos cativos, ao uso da terra e de “planejamento” do solo paulistano, elucidando as contradições inerentes ao processo dessa transição do modo de trabalho escravo e ao constitutivo de reprodução do capitalismo mundial ao longo do século XIX e XX. Com um salto temporal para o presente, esboçaremos o atual quadro demográfico em que se encontra o negro no Brasil e seu papel junto à Divisão Social do Trabalho, por meio dos dados do DIEESE E IBGE.

Posteriormente, esboçaremos e trataremos dados acerca do município de Osasco, desbravando seu processo histórico dentro do quadro nacional, estadual, passando por sua relação com elementos descritos que o precedem, principalmente, segundo a bibliografia utilizada, os processos imigratórios de mão de obra europeia para o Brasil e migratórios que darão origem a porção da população negra do município, assim como as transformações econômicas que refletirão na articulação do território e na produção do espaço urbano no município. Como importante complemento, utilizaremos mapas – alguns elaborados pela SEPLAG (Secretaria de Planejamento e Gestão), outros confeccionados pelo pesquisador desse trabalho de graduação individual – para elucidar indicadores, a geografia do município e as tendências espaciais que se amparam como hipótese, assim como uma análise desses mapas, com dados principalmente oriundos e confeccionados a partir do último Censo do IBGE ¹(2010) – com planilhas organizadas pelo Observatório do Trabalho², gerido pelo DIEESE³ –, dados do Ministério do Trabalho, secretarias e pesquisas municipais, esboçando algumas conclusões sobre a atual configuração da Divisão Territorial do trabalho em Osasco a partir dos dados referentes aos

1 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

2 Parceria realizada entre a Prefeitura de Osasco e o DIEESE para subsidiar políticas públicas (<http://geo.dieese.org.br/osasco/>).

3 Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.

empregos gerados por atividade econômica, escolaridade, relações de trabalho e rendimento. De forma a evoluir para a síntese da Divisão Social do Trabalho através de seu recorte racial no município, na sua relação com o quadro das demais regiões metropolitanas nacionais.

No último capítulo de desenvolvimento desse trabalho, o esforço será direcionado para a compreensão dos reflexos dos resultados obtidos nos capítulos anteriores no espaço de Osasco e em como a questão do trabalho e racial influem sobre a dinâmica da segregação socioespacial da população negra no município. Sem entrar em um debate sobre os conceitos de cor/raça utilizados e desenvolvidos ao longo dos anos por parte do IBGE – por entender a necessidade de um debate mais aprofundado em trabalho específico, apesar das inúmeras publicações sobre o tema –, será adotada nesse trabalho a definição de negros como somatória de pretos e pardos, em consonância com outros pesquisadores e intelectuais ligados aos mais diversos movimentos sociais e entendendo que os conceitos utilizados pelo IBGE e já explícitos no texto contido na publicação “A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada”, de autoria de Osório⁴, baseia-se mais numa questão metodológica de pesquisa, ao tratar da construção racial no Brasil a partir da cor da pele predominando sobre a origem e não por uma questão de ordem política – sendo esta também constitutiva do espaço e, principalmente, do território.

Como considerações finais, relevaremos os aspectos específicos sobre a hipótese de elaboração de uma metodologia que possa auxiliar na apreensão da interseccionalidade das demais opressões presentes no espaço (gênero, raça, etnia e etc.) com o conceito de classe a partir de uma sistematização de dados e associações que dialoguem com esse trabalho, ou seja, firmemente ancorados na utilização de mapas relacionados a informações estatísticas que elucidem elementos da dinâmica espacial e territorialidade. O trabalho será finalizado a partir da tentativa de constatação dos reflexos da espacialidade da questão racial e da segregação socioespacial como hipóteses de trabalho, com síntese estabelecida.

Faz-se mister esclarecer que, para metodologia de organização dos dados adotada, se optou utilizar principalmente os provenientes do último Censo de 2010, organizado pelo IBGE – entendendo essa como a pesquisa mais abrangente e com

4 Pesquisador da Diretoria de Estudos Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Avançada (IPEA)

maior amostragem de dados ao longo do território brasileiro, dotada de maior facilidade à disponibilização e acesso a estes – e da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua, dos anos de 2012, 2016 e 2018. Contudo, os dados referentes a trabalho estão embasados nas informações e dados do Ministério do Trabalho (MTE), oriundos, sobretudo, do RAIS (Relatório Anual de Indicadores Sociais), organizados pelo DIEESE. Também foram utilizados dados referentes a 2016, disponibilizados pela fundação SEADE.

Além disso, durante o processo de confecção dos mapas ocorreu a necessidade de adequação das fontes de dados de diversos deles, organizados a partir de quantidades numéricas absolutas, ou seja, impassíveis de uma comparação fidedigna da desigualdade entre as áreas de ponderação utilizadas – que no caso foram duas, derivadas de dois arquivos de shapefile diferentes: 18 áreas estabelecidas pelo IBGE em 2010 e 28 organizadas a pela própria Prefeitura Municipal de Osasco, a partir de uma síntese entre as áreas de ponderação do IBGE de 2000⁵ –, executando-se a conversão dos dados expressos de forma numeral absoluta para a percentual, tomando como referência o total de cada área de ponderação, que demonstre a relação entre diferentes indicadores por área de ponderação e não com a totalidade do município. Locais com maior concentração populacional, por exemplo, por meio de uma exposição de dados quantitativos absolutos predominariam sobre outros sem necessariamente expressar um fenômeno na relação com a totalidade do território. Por exemplo, no campo nível de instrução, é evidente que ao usar a quantidade absoluta as áreas que possuem maior população terão índices superiores em todos os campos (sem instrução, fundamental incompleto, fundamental completo e etc.), fazendo com que a necessidade seja compreender as parcelas de cada área a possuir determinadas classes de escolaridade em relação a população total daquela mesma área.

Em outros mapas a necessidade de conversão absoluta para percentual foi apenas o primeiro passo, exigindo-se maior tratamento dos dados, estabelecendo-se operações entre os campos, como por exemplo o de empregos formais celetistas

5 Para esse procedimento foram agrupadas algumas áreas de ponderação a fim de consolidar a divisão que se apresenta em 28 territórios, também denominados pela gestão municipal de “áreas de ponderação”, ressalva-se que ainda que tenha a mesma nomenclatura as áreas de ponderação do SIGWeb não coincidam com a classificação de áreas de ponderação do Censo/IBGE de 2000. Disponível em: http://geo.dieese.org.br/osasco/ap_ficha.php

por cor ou raça. Não haveria sentido, quando se tenta apurar a expressão espacial da Divisão Social do Trabalho a partir da questão racial, em se apresentar apenas o coeficiente de brancos e negros no espaço, mas sim a relação entre ambos. Por isso, o mapa 11 foi confeccionado a partir da diferença percentual entre brancos e negros empregados por relações celetistas de trabalho.

É importante ressaltar que esse trabalho, assim como os mapas, foi confeccionado a partir de softwares livres, com a distribuição BusenLabs (baseadas na linguagem Linux/Debian), com o Libreoffice 5 (Writer e Calc) e com o QuantumGis (Qgis), para a elaboração dos mapas. Também se deve lutar pela liberdade da tecnologia, disponibilizando-a para todos.

A relação do pesquisador com o objeto de estudo é extremamente relevante e, neste caso em específico, o município estudado é a terra natal do que vos escreve, tendo o processo da pesquisa me trazido um enorme senso de dever e um sentimento saudosista para com a cidade em que me criei e trabalho mapeando e pesquisando todos os dias, revelando essa primeira figura a beleza que carrego no olhar.

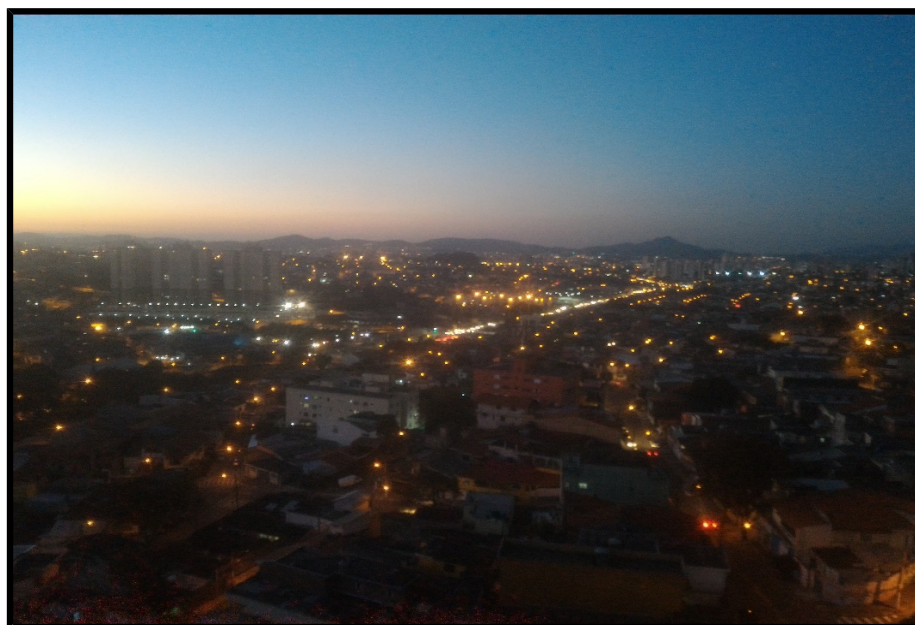


Figura 1: Vista para o Pico do Jaraguá (Norte) a partir do bairro Jaguaribe (Sul).

Fonte: Yuri T. B. De Oliveira, 2018.

1.1 PROCESSO HISTÓRICO E A DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO

1.1.1 DO BRASIL COLÔNIA AO INÍCIO DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO.

Segundo Goldstein e Seabra (1982), o Brasil teria na economia agroexportadora o alicerce da sua Divisão Territorial do Trabalho durante o período consolidado como colônia, durante sua independência, na transição do Império para a República até a transição da mão de obra escrava para a assalariada, fomentada especificamente no bojo da economia cafeeira paulista, num marco estabelecido pela passagem da fase de acumulação primitiva do capitalismo mundial para o capitalismo industrial concorrencial. De tal modo que até as primeiras décadas do século XX o território nacional ainda estaria desarticulado, com uma economia nacional composta por economias regionais, sem uma articulação interna do trabalho em dimensão nacional, com as regiões se voltando para exportação de produtos, traduzindo-se em diferentes formas de reprodução do capital e das relações de produção.

Até então, a Divisão Territorial do Brasil se daria no Sudeste em 2 áreas cafeeicultoras, São Paulo e Rio de Janeiro, com forte formação de classe de negociantes importadores, com condição favorável na região ao consumo de produtos industrializados, formando economias complementares de gêneros alimentícios na região Sul e em Minas Gerais.

Já o Nordeste seria, primeiramente, composto pela agroindústria do açúcar voltado para exportação na Zona da Mata – que passa por crises com concorrência decorrente da passagem do engenho para a usina e transição para trabalho assalariado. O Sertão e o Agreste teriam uma economia principalmente voltada a atividade da pecuária e algodoeira, sendo a primeira estreitamente relacionada ao latifúndio e a segunda por pequenos produtores a partir do século XVIII.

O Centro-Oeste – apenas voltado à pecuária extensiva – e o Norte seriam dois grandes vazios produtivos que ocupariam mais da metade do território, com a Amazônia, desde fins do século XIX e início do XX, fortemente desenvolvida a partir da economia da borracha, que provocara intenso fluxo migratório originário do Nordeste.

É a partir desses “arquipélagos econômicos” que se consolidarão os mercados regionais de consumo que culminarão na presença da indústria nas principais cidades do país, que reforçarão as ligações já existentes. No entanto, a maior concentração ainda estava centrada em São Paulo e no Rio de Janeiro, como reflexo da acumulação da economia cafeeira, do subsetor do comércio de importados e da consolidação de mercados internos.

A partir de meados dos anos 30 do século XX a industrialização passa a ser o motor da acumulação geral do capitalismo no país, tendo como foco principal a cidade de São Paulo, dada as bases técnicas e financeiras insuficientes para que esse processo atinja todo o território. Fator que também foi muito influenciado pelas ações do governo federal – principalmente com sua centralização em 1937 – no período que contribuiu para a concentração das indústrias em São Paulo através da expansão da rede rodoviária e ferroviária por todo o território e, assim, rompendo os arquipélagos econômicos e direcionando para a formação do mercado nacional, marcado pela competição das mercadorias do Sudeste – com amplas vantagens – com as demais regiões, provocando uma crise geral nas indústrias destas e refletindo na desindustrialização e na hierarquização das economias regionais perante a São Paulo, alterando, por exemplo, o direcionamento do setor de serviços da agricultura exportadora para o mercado industrial interno.

Isso condiciona a nova Divisão Territorial do Trabalho, fazendo já em 1949 que o Sudeste represente 65,5% da renda nacional e colocando o Nordeste no patamar de uma agricultura centrada nas relações tradicionais do campo, amplamente embasada no latifúndio, conforme nos apontam Goldstein e Seabra (1982, p.16)

A competição com o Sudeste e o intercambio desigual, agravaram fortemente as precárias condições de vida dos assalariados e semi-assalariados da indústria açucareira, da indústria têxtil e dos semicamponeses livres, parceiros, foreiros, moradores de condição, etc. do Agreste e do Sertão.

No Sul se deu uma indústria complementar à do Sudeste com ritmo de crescimento consonante com os ritmos nacionais e no Norte um isolamento voltado a seu próprio mercado interno e no Centro-Oeste, no pós segunda guerra, a transformação numa extensão da agricultura paulista.

Brasil - Distribuição regional da renda interna (em %)

Regiões	1949	1959	1970
Norte	1,7	2,0	2,1
Nordeste	13,9	14,5	11,7
Sudeste	67,5	65,0	65,5
Sul	15,2	16,2	17,1
Centro-Oeste	1,7	2,3	3,6

FONTE: Centro de Contas Nacionais. Fundação Getúlio Vargas/IBE.

Tabela 1: Distribuição da renda interna por Regiões.

Fonte: Goldstein & Seabra, 1982.

1.1.2 CAPITALISMO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.

No período que precede a segunda guerra mundial é observado um processo de internacionalização do capitalismo, com franca alteração do cenário político dominante mundial. Fenômeno que Harvey (2004) afirma ter iniciado a partir do New Deal, após forte depressão dos anos 30 do século XX, de modo que a intervenção estatal na economia é ferramenta crucial para salvar o capitalismo, momento em que o “fordismo se aliou firmemente ao keynesianismo e o capitalismo se dedicou a um surto de expansões internacionalistas de alcance mundial que atraiu para sua rede inúmeras nações descolonizadas”. Faz-se mister apontar que o fordismo se disseminou de modo desigual internacionalmente, trazendo ganhos no terceiro mundo apenas para as elites nacionais.

No entanto, segundo nos aponta Harvey, nos anos 60 já são apresentados os primeiros problemas referentes à queda da taxa de lucro, à crise do dólar – com consequente desvalorização – e o fim do acordo Bretton Woods ⁶ em 1971 – dada a forte recuperação pós-guerra da Europa ocidental e do Japão, com mercados internos saturados – e a crise mundial do Petróleo da década de 80, trazendo à tona

⁶“O acordo de Bretton Woods definiu que cada país seria obrigado a manter a taxa de câmbio de sua moeda “congelada” ao dólar, com margem de manobra de cerca de 1%. A moeda norte-americana, por sua vez, estaria ligada ao valor do ouro em uma base fixa.” (IPEA, 2009)

a incapacidade da aliança Keynesianismo-Fordismo de conter as contradições inerentes ao capitalismo, alavancando uma transição do modelo de acumulação fordista para um modelo de acumulação flexível, que alterará os padrões de desenvolvimento desigual entre as regiões e nas relações de trabalho, ampliando o controle do capital sobre o trabalho. Ou seja, um “capitalismo cada vez mais organizado através da dispersão, da mobilidade geográfica e das respostas flexíveis nos mercados de trabalho, nos processos de trabalho e nos mercados de consumo” (Harvey, 2004: p. 150-151).

Esse processo refletirá no Brasil, tendo como resultado na região estudada – Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – uma forte dispersão industrial com concentrações de capitais intensificada, sobretudo, no município de São Paulo e, segundo Goldstein & Seabra (1982: p.23), fazendo com que “o processo de regionalização do Brasil, considerado na perspectiva da articulação territorial interna, foi essencialmente produto do desenvolvimento industrial”

Para Goldstein e Seabra (1982), a regionalização brasileira se daria como produto da Divisão Territorial do Trabalho, fortemente ancorada sob uma perspectiva de desigualdades no desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, em que essa Divisão Social e Territorial do Trabalho se aprofundaria conforme o modo de produção capitalista se configura como uma formação econômico-social.

1.2 BREVE HISTÓRICO DO POVO NEGRO NO BRASIL

Por mais de 350 anos africanos e seus descendentes⁷ no Brasil foram a base da força de trabalho na constituição do capitalismo em sua fase de acumulação primitiva internacional, iniciada por meio da exploração e dominação de territórios por Portugal, e determinando a relação metrópole/colônia nas grandes lavouras monoculturais escravistas de exportação de produtos agrários, sendo a cana-de-

⁷Não se esquece aqui, entretanto, da também escravização a que se submeteu os indígenas ao longo de todo o processo colonial na América Latina, que no Brasil resultou e reflete até hoje no genocídio explícito e legitimado dos povos originários. No entanto, toma-se como foco do trabalho os reflexos desse processo sobre o povo negro na atualidade, que ao contrário da realidade norte americana, constitui-se como não como uma minoria, mas como maioria no território brasileiro.

açúcar (iniciada no nordeste) e o café as que mais em ampla escala exploraram o povo negro no Brasil, apesar de o mesmo se passar também no urbano no país.

Há uma transição ideológica e econômica crescente no cenário internacional – com um forte giro ao liberalismo e na compreensão das vantagens na redução de custos e potencialização dos lucros através da exploração da mão de obra assalariada como substituição à escrava –, principalmente no europeu na passagem século XVII para o XVIII, decorrida a Revolução Francesa e o início da revolução industrial, sobretudo, na Inglaterra. Essa transição trará grande pressão ao Brasil, que perdurará, inclusive, na passagem da Monarquia para a República e que ao longo do século XIX, de modo planejado pelas elites – com forte influência da paulista, que partindo do prestígio internacional do café se se consolida como detentora de poder –, passa a preparar o terreno para essa substituição e alteração da relação capital trabalho no país.

É a elite paulista quem passa, segundo Ramatis (2013: p.18), a assimilar essas novas tendências internacionais e se integrar “exitosamente à Divisão Internacional do Trabalho”, tornando o estado de São Paulo o lócus do processo de acumulação capitalista a partir da economia cafeeira, desde a metade do século XIX, que desenvolve grande alcance ao longo território, e passa a ser dotada de alta mobilidade, culminando com a substituição da mão de obra escrava pela assalariada europeia. Os reflexos serão a transição do capital mercantil para o capital industrial e de uma São Paulo imposta cada vez mais como grande epicentro econômico e financeiro, dotado da maior população, com grande pluralidade étnica, de gênero e geracional da classe operária que se consolidara, principalmente, durante a primeira década do século XX.

Entretanto, inicia aí um novo projeto de civilização para o país, com profundos impactos sob a divisão social e racial do trabalho até então vigente – ocupações “tradicionalmente” de escravos passam a ser substituídas pelo trabalhador branco livre –, com uma negação ao negro de espaço nessa nova estrutura moderna de trabalho e na sociedade.

O povo negro, na República, passa por intensa repressão cultural, social, política e religiosa articulada e materializada a partir de legislações e regras rígidas que

partem de concepções ideológicas e que trarão impedimentos ao negro, que se ajustou como podia ao novo processo produtivo que iniciara e desenvolvera.

Essa articulação discursiva que legitimara o processo da transição da mão de obra negra para a branca europeia se deu a partir, principalmente, da legislação abolicionista e das Posturas Municipais em São Paulo promulgada em 6 de outubro de 1886, conforme relata Ramatis (2013, p.25), que ao invés do esquecimento, torna o povo negro na preocupação daqueles que construiriam os pilares do “desenvolvimento e modernidade”

[...] o texto daquela Postura Municipal evidenciava que os negros estavam entre as principais preocupações dos legisladores, pois representavam a síntese de tudo que se queria superar. Como escravizados, exemplificavam a estrutura social ultrapassada, uma vez livre, transformavam-se em incômodo; no fenótipo, na cultura, no comportamento social.

A lógica da transição se daria por três razões:

a) A lógica de transição do capitalismo, que conduz as reflexões expostas nos parágrafos anteriores acerca da mobilidade de capital representada pela substituição do trabalhador escravizado pela mão de obra “livre”, representando a migração do capitalismo mercantil monopolista para o capitalismo industrial;

b) A escassez de cativos negros, dada a proibição do tráfico por legislação contundente, sobretudo, em 1850⁸, que encarece o preço do escravo cerca de 20 vezes mais;

c) A resistência e luta travada pelos Negros por libertação, que exigiam a necessidade de altos investimentos em repressão.

A partir daí, inicia-se o branqueamento do mercado de trabalho, tendo os estrangeiros principalmente sendo absorvido pela indústria em ascensão na capital paulista, conforme nos indica as tabelas com os registros elaborados no trabalho de Ramatis (2013), que fica nítido a total exclusão do negro, principalmente, no processo de constituição do urbano, apesar da pré-proletarização dos escravizados urbanos em fins do XIX, que ocupavam praticamente todas as ocupações na cidade

⁸Como expressão da ineficácia da primeira lei promulgada contra o tráfico negreiro, em 1831, tendo em vista apenas uma ação diplomática frente a pressão inglesa, em 1850 se promulga a lei Euzébio de Queiroz, que asseverou as penas e teve maior efetividade, apesar de ter como pano de fundo o grande assombro das elites por uma revolta de escravos, a exemplo do Haiti ou da rebelião liderada pelos Haussas na Bahia, em 1835.

– inclusive médicas –, que garantiria ao negro locado na cidade certa mobilidade física e social, dotando-o de relativa liberdade quando comparado ao escravizado no campo. Ou seja, conforme nos aponta Ramatis (2004, p. 33)

A escravidão urbana, portanto, desempenharia importante papel na transição para o trabalho assalariado, pois a necessidade de permitir maior circulação do cativo longe das visitas do senhor, estabeleceu um conjunto de comportamentos de relações sociais, econômicas e culturais [...] A ideia do negro como trabalhador livre foi lentamente deixando de ser estranha”.

TIPO DE OCUPAÇÃO	LIVRES	ESCRAVOS	TOTAL
Trabalhadores em metais	163	72	235
Trabalhadores em madeira	259	59	318
Trabalhadores em tecidos	721	116	837
Trabalhadores em edificações	120	36	156
Trabalhadores em calçados	49	15	64
Trabalhadores rurais	6.786	268	7.054
Criados e jornaleiros	2.000	722	2.722
Trabalhadores domésticos	3.634	288	3.922
Religiosos seculares	16	3	19
Trabalhadores da saúde	18	*1	19
Cirurgiões	0	2	2
Parteiras	6	3	9
Professores e homens de letras	47	**10	57
Capitalistas e proprietários	151	17	168
Manufatureiros e fabricantes	61	24	85
Comerciantes, guarda-livros, caixeiros	391	255	646
Artífices	128	8	136
TOTAL	14.561	1.888	16.449

Fonte: Recenseamento Geral do Brasil, 1872

**Escravo identificado como médico no recenseamento.*

***Dentre os dez escravos que exercem essa ocupação, existe uma mulher.*

Tabela 2: Ocupações exercidas por negros livres e escravos em 1872. Fonte:
Elaborado por Ramatis com base no Recenseamento Geral do Brasil, 1872

EMPRESAS	ESTRANGEIROS	BRASILEIROS	TOTAL
Fábrica de Tecidos A. Álvares Penteado	(Maioria, sem no.)		800*
Fabrica Móveis Irmãos Raffinete	(Maioria, sem no.)		50*
Oficina de Lapidação de Vidro	10	18	28
Cristalaria Germânia	20	30	50
Fábrica de Calçados União	134	12	146
Fábrica de Calçados Paulista	205	0	205
Fábrica de Móveis Almeida Guedes	17	1	18
Fábrica de Tecidos e Fiação Anhaia	301	9	310
Fábrica de Massas Fratelli Secchi	90	0	90
Fundição de Ferro Bronz Craig Martins	(Maioria, sem no.)		100*
Casa Helvetia	50	0	50
Destilação Italiana a vapor	20	1	21
Grande Oficina Mecânica Arens	104	49	153
Fábrica de Cimento Rodovalho	140	70	210
Fábrica de Carros	50	0	50
Fábrica Santa Marina	200	0	200
Companhia Melhoramentos de SP	236	16	252
Fabrica de Chapéus	99	20	119
Fábrica Vapor de Chapéus	62	68	130
TOTAL	1.577	206	2.982*

**O total é a soma da coluna de estrangeiros, brasileiros e das empresas onde constam as quantidades totais sem discriminação de brasileiros e estrangeiros.*

Tabela elaborada a partir de dados apresentados por: Edgard Carone. A evolução Indústria em São Paulo – 1889-1930. São Paulo: SENAC 2001. Pg. 78
(Foram excluídas fábricas estabelecidas em outros municípios)

Tabela 3: Comparativo da contratação de estrangeiros e brasileiros nas principais empresas da cidade de São Paulo – 1903

Entretanto, com a construção ideológica⁹ da superioridade branca e o consecutivo embranquecimento do trabalho, sobretudo ao longo da segunda metade do século XIX, o negro passa a ser relegado às ocupações e setores de menor remuneração e prestígio social e a disputar suas antigas funções com europeus e brancos pobres, sendo no caso das mulheres as semelhanças maiores ainda.

⁹Tal construção partiu da necessidade de conduzir uma nova ideologia que fizesse frente ao conservadorismo monárquico e que, portanto, passa a importar elaborações teóricas e filosóficas de “raças”, construídas no bojo do Darwinismo-Social e que seriam absorvidas pelas elites, academias e centros científicos e pelo senso comum como um todo. Era evidente que o resultado não poderia ser outro que não atribuir ao índio e ao negro o papel de impeditivos principais à “civilização”, ditando, portanto, um futuro guiado pelo modelo branco e ocidental.

O Estado passa, então, a exercer a função de controle e a repressão sobre o povo negro, ora ditada pelos senhores, e assume importante papel na criação de condições que darão origem a uma nova formação social que surge como reflexo do escravismo e gerando as condições para sua própria superação, inexistindo uma oposição, portanto, do liberalismo à escravidão, mas sim um importante papel do escravo frente ao processo de acumulação primitiva que se constituía.

O resultado, em suma, é a marginalização do negro e o impedimento de inserção na nova estrutura social pós-escravista, com a consolidação de uma nova formação social que se traduzirá no processo de reprodução do capitalismo mundial e do espaço brasileiro, consolidando profundas desigualdades em âmbito econômico e territorial, conforme nos apontam os dados atuais que serão tratados adiante nesse trabalho.

Se ora, então, foi a dualidade trabalho escravo e livre, ancorados por uma relação dialética, o centro de compreensão da formação social da transição da Monarquia para a República, da internacionalização do capitalismo, o mundo atual do trabalho e a relação racial brasileira permeará a discussão acerca a Divisão Social do Trabalho por seus aspectos ligados à tal questão.

Depois de contextualizada a origem dos processos e a partir de um salto temporal para a atualidade – entendendo que a transição da Divisão Territorial do Trabalho já o está por meio dos capítulos anteriores –, são essas desigualdades e disparidades herdadas historicamente que centralizam o debate acerca a questão racial no cenário político e acadêmico, fazendo com que compreender o mundo do trabalho para entender essa questão é mais do que crucial, conforme nos aponta o boletim da Pesquisa de Emprego e Desemprego no período de 2011/2012 para as Regiões Metropolitanas¹⁰ brasileiras – período próximo aos dados do Censo 2010, do IBGE, utilizados para a organização dos mapas desse trabalho – do DIEESE (2013, p.3) sobre o assunto

O mercado de trabalho também abriga outras dimensões sociológicas e culturais que influenciam a inserção de indivíduos na estrutura das comunidades, associadas ao prestígio social decorrente das diferentes

¹⁰Foram utilizadas para o estudo as Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo e o Distrito Federal.

ocupações e da efetiva possibilidade de participação organizada na sociedade sob a forma de grupos de interesse ou classes sociais.

As relações raciais também são expressas por determinados padrões na sociedade brasileira e, de tal modo, portanto, também o é no espaço e nos fenômenos e processos, nos fluxos e fixos, na paisagem e território que se manifestam e o compõe.

Então, no período mencionado (2011 e 2012), o boletim aponta que houve acesso ao trabalho de forma relativamente constante e com bons indicadores pelos negros e negras, no que diz respeito aos postos de trabalho – reflexo da estruturação do mercado interno no período. No entanto, os negros continuam a receber remunerações em torno de 63, 9% do ganho-hora dos não negros, dado que se confirma também nos dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios Contínua (PNAD Contínua)¹¹ para o 4º trimestre de 2016.

Contudo, os setores com maior e diversificada estrutura produtiva e que requerem maior qualificação profissional são os que apresentam maior disparidade remunerativa entre negros e não negros, sendo o setor de Serviços o que mais expressa tal processo, dada a heterogeneidade de ocupações e a escolaridade como fatores para tal.

Negros tem menor escolaridade que “não negros, com ampla retenção no ensino fundamental, quando analisada a escolaridade pelas ocupações dos setores de atividade nas Regiões Metropolitanas no período 2011 – 2012” e conforme aumentam os patamares da escolarização, amplia-se as desigualdades de rendimentos, sobretudo no ensino superior, chegando, no caso da Indústria de Transformação, quase ao dobro do rendimento por hora dos não negros em relação aos negros.

O boletim do DIEESE (2013: p.13), no entanto, conclui a inverdade de que simplesmente “o aumento da escolaridade para a população negra possa remover os obstáculos a sua mobilidade social” e que os negros atuam, ainda hoje, nas ocupações de menor prestígio social e distantes de possibilidade de tomada de decisões e expressão de criatividade, ou seja, que os postos de direção e planejamento ainda são predominantemente ocupados por não negros e entre os

11 Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101566_informativo.pdf

negros seriam ofícios como: faxineiros, lixeiros, serventes, camareiros e empregos domésticos.

Com relação a dados sobre a população brasileira, segundo dados da PNAD Contínua, esta foi estimada em 198,7 milhões de pessoas em 2012, sendo destas 52,7% equivalentes a negros (pretos e pardos) e 46,6% branca, enquanto uma estimativa de 2016 é de uma contagem 207,1 milhões de pessoas, entre essas representando 55,4% de negros e 43,6% de brancos. Esse fenômeno indica um decréscimo da população branca de 3% e acréscimo de 2,7% de negros, podendo indicar a hipótese de uma tendência de autorreconhecimento e valorização, entre a população, relacionadas a origem afrodescendente frente ao embranquecimento ideológico imposto.

Essa tendência tem, pelos menos, se confirmado no simples olhar da paisagem do urbano – principalmente – onde vemos jovens se orgulhando de seus traços, cabelos, cor e seu modo de se vestir, reivindicando-a por meio de sua história e de sua cultura, num debate que tem feito com que o Brasil reconheça o povo negro como uma maioria e a questão racial como algo ainda muito presente.

2.1 O MUNICÍPIO DE OSASCO: A DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO E A DIVISÃO RACIAL DO TRABALHO.

Segundo a SEPLAG (Secretaria de Planejamento e Gestão) do município de Osasco, em relatório diagnóstico publicado em 2018¹², Osasco possui a totalidade de seu território como uma zona urbana, está localizada a oeste da Região Metropolitana de São Paulo, é cortado de leste a oeste pelo Rio Tietê, possui um território com cerca de 65 km², fazendo divisa com os municípios de Barueri, Carapicuíba e Cotia, estando a sul e a leste com a cidade de São Paulo.

Além disso, conforme o mapa 1, porta grande infraestrutura viária passando por seu território, abrangendo as rodovias Raposo Tavares, Anhanguera, Castelo Branco, Bandeirantes, Régis Bittencourt, o Rodoanel Mário Covas, como avenida de eixo de locomoção intermunicipal a Avenida dos Autonomistas (continuação da Avenida Corifeu de Azevedo Marques). Com relação às vias ferroviárias, possui 5 estações na zona central de seu território – conhecido anteriormente como a antiga estrada de ferro Sorocabana –, administrados pela CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) e interligados pelas linhas 7 Rubi, 8 Diamante, 9 Esmeralda, conectando-se com o metro nas estações Pinheiros, Barrafundada e Santo Amaro.

12 Diagnóstico Estratégico da Cidade de Osasco. Disponível em:
<http://www.seplag.osasco.sp.gov.br/Content/uploads/publicacao/ppa/Diagnostico%20Estrategico%20da%20cidade%20de%20Osasco.pdf>



Mapa 1: Sistema viário de Osasco Fonte: SEPLAG/PMO, 2017.

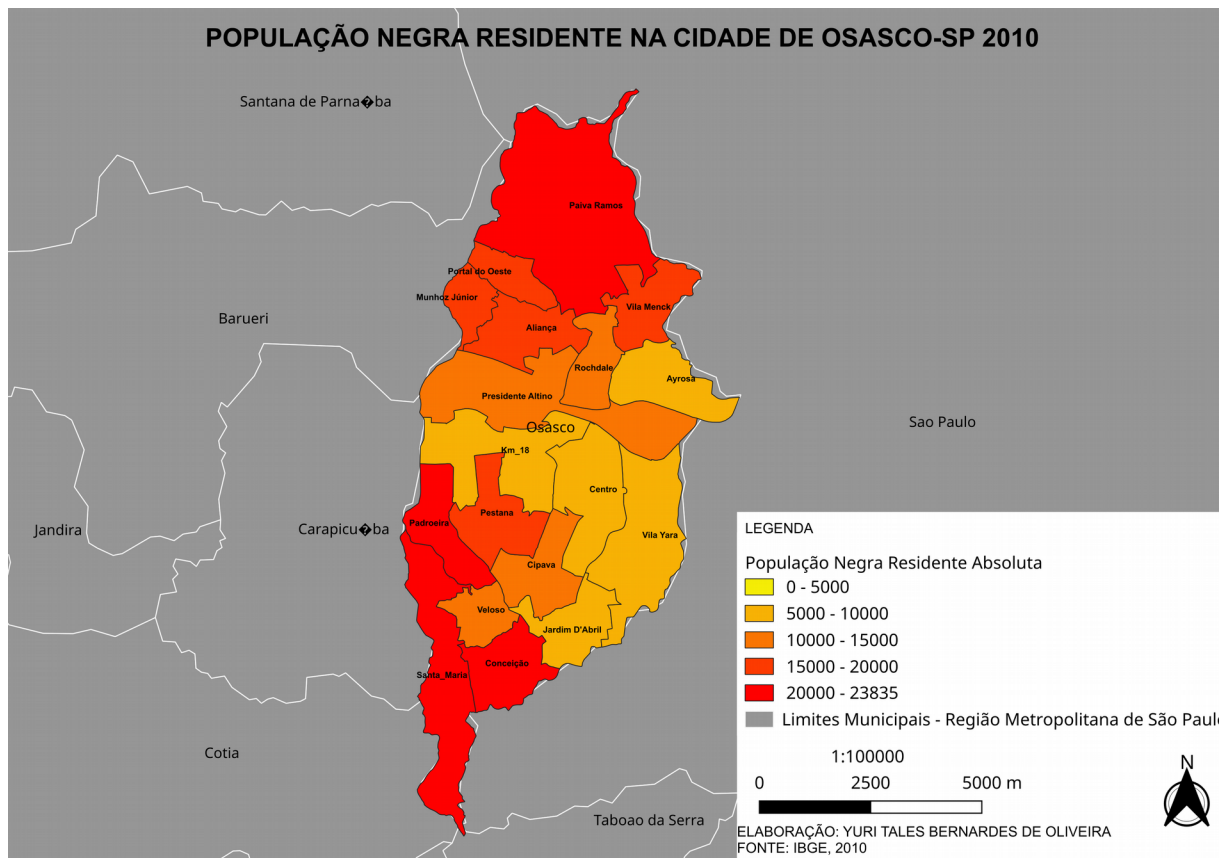
Segundo últimos dados do IBGE¹³, o município tem sua população estimada no ano de 2017 em 697.886 pessoas, com densidade demográfica de 10.264,80 hab/km², sendo as regiões norte e sul com os maiores índices de adensamento, segundo diagnóstico da SEPLAG e muito bem expresso tal tendência no mapa 4,

13 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/osasco/panorama>

com densidade expressa a partir dos setores censitários do IBGE, 2010 e que divide a cidade em 60 bairros oficiais e em alguns podemos ver alguns com índices acima de 25.000 hab/km² em grandes porções do território, como o bairro Conceição, localizado ao Sul, e o Munhoz Júnior, no Norte.

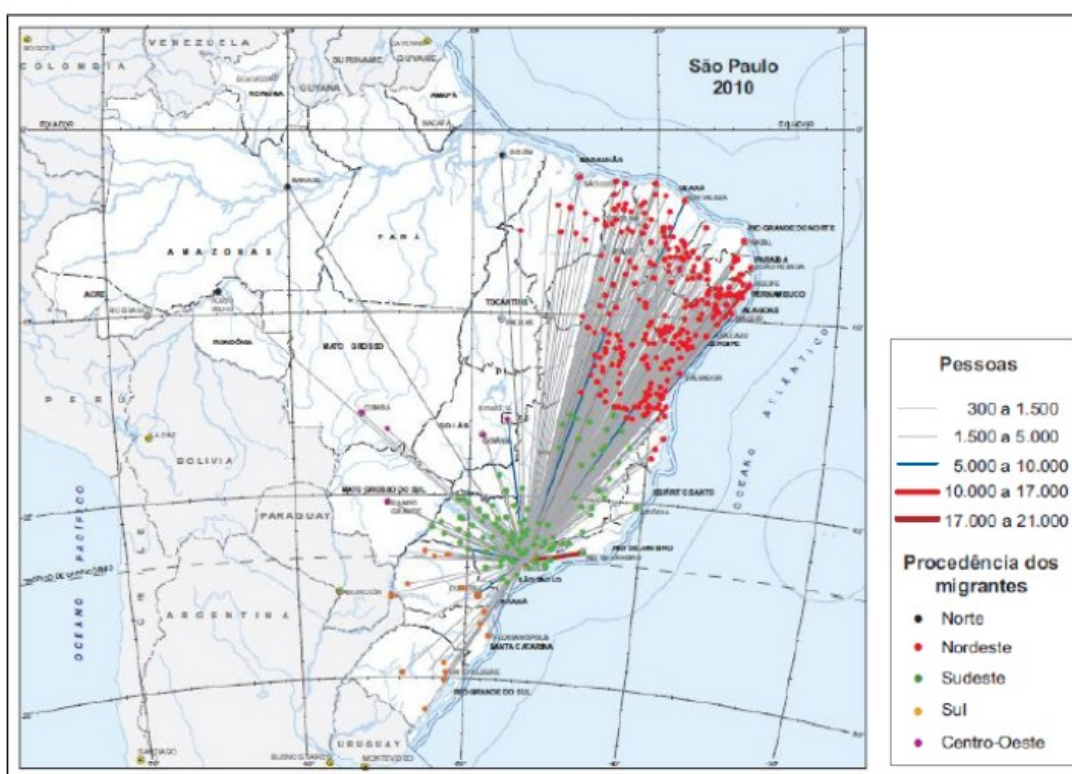
Com relação à distribuição entre sua população negra e não negra, o último Censo de 2010 aponta a primeira (pretos e pardos) em 269.017, equivalendo a 40,35% do total, enquanto a segunda (brancos e amarela) estimada em 396.812, representando 59,51%, seguindo a tendência do estado de São Paulo, onde os negros são minoria – em decorrência do processo migratório intenso provindo da Europa e estimulada pelo governo brasileiro em fins do século XIX.

Conforme o Mapa de distribuição da população negra no município de Osasco, percebemos que o predomínio se dá nas porções norte – especificamente na área de ponderação Paiva Ramos – e nas porções sul – nas áreas de ponderação Padroeira, Santa Maria e Conceição.



Mapa 2: População negra residente na cidade de Osasco – SP 2010

O crescimento da população em geral e de negros no município, segundo diagnóstico da SEPLAG, se deu a partir da segunda metade do século XX, oriundo principalmente do processo migratório de diversas regiões do país para o município de Osasco, sendo o Nordeste e o Norte as principais origens. Esse dado se confirma de certa forma quando observado no mapa de procedência dos migrantes do estado de São Paulo, de autoria do IBGE, que ainda hoje reflete a tendência do estado ser o principal destino de migrantes nordestinos.



Mapa 3: Procedência dos migrantes do estado de São Paulo Fonte: IBGE

Agora, para compreender o porquê dessas migrações, faz-se necessário permear o processo histórico e onde se contextualiza Osasco na Divisão Territorial do Trabalho no Brasil.

Segundo Vicentini (2010), Osasco é um município com gênese de subúrbio industrial, originado a partir dos quilômetros 15 e 16 da antiga estrada de ferro Sorocabana e inicialmente uma gleba de terras de propriedade do imigrante italiano Antônio Agú, que na passagem do século XIX para o XX instalara uma Olaria no

local, a Companhia de Cerâmica Industrial de Vila Osasco– primeira indústria da cidade.

Agú loteia, vende e oferta terrenos a outros imigrantes italianos e efetua parceria com outros empresários, que passam a habitar o local, que passa a ser distrito de São Paulo em 1918 e em 1962 se eleva à categoria de município independente, onde nos anos 70 se consolida num importante polo de atração de mão de obra para grande parte da população expulsa do centro da metrópole e abrigando importantes instalações de empresas como, segundo aponta Vicentini (2010, p.76)

Continental Products (Frigorífico Wilson), a Fábrica de Fósforo Granada, a fábrica de Tecidos Tatuapé (Santista), a Soma (Companhia Sorocabana de Material Ferroviário), a CIMAF, a Rilsan, a Eternit, a Charleroi, a Cobrasma, a Brown Boveri, a Rockwell Braseixos (Arvin Meritor), a Osram, a Lonaflex, entre outras.

Entretanto, ao longo dos anos de 1980 e 1990 há uma importante reestruturação do setor produtivo, com o deslocamento de diversas empresas do município, elevando os setores de serviços e comércio como as principais atividades econômicas da cidade, no que diz respeito a geração de empregos e renda. É no período que se consolidam as instalações de empresas como Walmart, Sam's Club, Carrefour, os Shoppings Osasco Plaza e Continental. Esse processo, segundo Vicentini (2010, p.36) se daria cronologicamente

Em síntese, a centralidade político-econômica, dada pela Divisão Territorial do trabalho, possibilitada pelo “boom” cafeeiro e o escoamento da safra por ferrovias, seguida pela indústria moderna e a implantação de rodovias e, pelo processo de desconcentração industrial e reestruturação produtiva, reforçou, no século XX, a RMSP como nó das trocas, da circulação regional e do gerenciamento/comando empresarial.

Rendimento Médio dos Empregos Formais da Indústria (Em reais correntes) - 2016	
Município	3.822,07
RG	4.164,80
Estado	3.708,51

Rendimento Médio dos Empregos Formais da Construção (Em reais correntes) - 2016	
Município	2.119,68
RG	2.885,13
Estado	2.659,51

Rendimento Médio dos Empregos Formais do Comércio Atacadista e Varejista e do Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (Em reais correntes) - 2016	
Município	2.261,81
RG	2.815,71
Estado	2.421,93

Rendimento Médio dos Empregos Formais dos Serviços (Em reais correntes) - 2016	
Município	3.360,74
RG	3.701,91
Estado	3.343,65

Tabela 4: Rendimento Médio dos Empregos Formais por Grande Setor de Atividade Econômica em Osasco, Grande São Paulo e Estado de São Paulo em 2016. Fonte: SEADE¹⁴

Segundo os dados do SEADE na tabela 5, apesar da Diminuição de postos trabalho absoluta, o setor de serviços, comércio e construção apresentaram ampliação de sua participação relativa em postos de trabalho, com claro predomínio do setor de serviços, apesar da maior taxa de crescimento a ser apresentada foi a do setor do comércio. Já a indústria apresentou queda percentual de quase 4% em 4 anos.

PARTICIPAÇÃO DOS EMPREGOS FORMAIS EM OSASCO-SP (EM %)

PERÍODO	INDÚSTRIA	CONSTRUÇÃO	COMÉRCIO	SERVIÇOS	Quantidade Numérica Total de Empregos Formais.
2012	14,14	3,85	24,92	57,08	173848
2013	12,59	3,89	26,31	57,2	175612
2014	12	3,5	26,68	57,81	177201
2015	10,99	4,6	27,75	56,65	169369
2016	10,16	3,86	27,98	57,99	160186

FONTE: SEADE/IBGE

Tabela 5: Participação dos empregos formais em Osasco no período de 2012 a 2016.

¹⁴ Sistema Estadual de Análise de Dados: <http://www.perfil.seade.gov.br/>

Conforme se pode constatar no Mapa 12, o setor de serviços predomina nas áreas centrais do município, por onde perpassam a Rodovia Castelo Branco, a avenida dos Autonomistas – sendo a primeira o local de afunilamento das marginais Pinheiros (abrangendo as zonas oeste, sul e a principal via de acesso para as rodovias que levam ao litoral paulista) e Tietê (zonas norte e leste), enquanto a segunda o principal eixo de deslocamento intermunicipal para a zona oeste São Paulo (como continuação da avenida Corifeu de Azevedo Marques) –, assim como a maior densidade dos principais logradouros da cidade de Osasco que se conectam ao município vizinho. É válido observar que apesar do predomínio de empregos formais provenientes do setor de serviços, as demais atividades na área de ponderação Centro, Presidente Altino + Umuarama, Cidade de Deus possuem um certo equilíbrio, conforme podemos notar na Tabela 4, onde estão listadas as 7 principais atividades por CNAE¹⁵, apesar de na área Adalgisa e Vila Yara se localizar a sede nacional do Banco Bradesco, que possui mais de 15 mil funcionários¹⁶, entre bancários e terceirizados e é o terceiro maior banco privado¹⁷ do Brasil. Além disso, quando comparado com o mapa 12, é na área Adalgisa e Vila Yara em que encontramos, em média, as melhores remunerações de empregos formais no município de Osasco, contidos na faixa predominante de 5 a 7 salários mínimos e na secundária de 4 a 5 salários mínimos, assim como a segunda colocação do número de empregos formais absolutos para o setor de serviços em todo o município (15.944 postos), conforme indicado na tabela 10.

Analisando-se o mapa 11 sob a perspectiva racial, percebe-se que o local também é o lócus da maior predominância dos brancos em relação aos negros, que chega a uma diferença quase 3 vezes maior (74% empregos formais ocupados por brancos e 23% por negros). Esse dado corrobora com a análise do Diagnóstico de Osasco da SEPLAG, em que os negros chegam a receber em média 37% do rendimento dos não negros no município.

15 Classificação Nacional de Atividades Econômicas.

16 Disponível em: <http://bancariosal.org.br/noticia/26238/bancarios-param-a-cidade-de-deus-maior-concentracao-do-bradesco>

17 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/os-cinco-maiores-bancos-do-brasil-20938419>

Área de Ponderação	Ordem	Empregos Formais	Classe de atividade econômica - CNAE 2.0
Centro, Presidente Altino + Umuarama, Cidade de Deus	1	18.305	Administração pública em geral
	2	3.909	Atividades de serviços prestados principalmente às empresas não especificadas anteriormente
	3	3.657	Comércio varejista de outros produtos novos não especificados anteriormente
	4	2.961	Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas
	5	2.330	Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios
	6	2.188	Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados
	7	2.002	Atividades de teleatendimento

Tabela 6: Principais atividades por empregos formais na área de ponderação Centro, Presidente Altino + Umuarama, Cidade de Deus

Fonte: MTE, RAIS.

O comércio, por outro lado, predomina nas extremidades sul e norte do município, tendo como principais vias locais o Rodoanel e avenidas que se direcionam para o mesmo, em consonância com o mapa 12. Outra importante observação é acerca das atividades predominantes específicas segundo o CNAE nas áreas de ponderação, pois, de acordo com a tabela 9, nas extremidades Baronesa, Portal D'Oeste + Bonança, Industrial Anhanguera (Norte) e Santa Maria, Raposo Tavares e Metalúrgicos (Sul) são as categorias “Comércio atacadista de produtos alimentícios em geral” e “Transporte rodoviário de carga” as que possuem a maior quantidade de empregos formais e a segunda colocação entre as maiores médias de renda, concentradas na faixa predominante de 2 a 3,5 salários mínimos e na secundária de 1,5 a 2 salários mínimos. No entanto, é visível que a quantidade de empregos formais gerados na totalidade no Baronesa, Portal D'Oeste + Bonança, Industrial Anhanguera é a segunda maior do município e, apesar do setor de comércio ser predominante, o setor de serviços também possui uma grande quantidade de postos formais de trabalho (7.388) e a indústria ser dotada da maior quantidade de empregos formais entre a categoria em Osasco.

Ao analisar o setor norte pelo viés do recorte racial, utilizando o mapa 11 com o auxílio da tabela 10, a diferença entre brancos e negros por empregos formais no Baronesa, Portal D'Oeste + Bonança, Industrial Anhanguera também é grande, representando os primeiros uma proporção de 41% superior, no que diz as vagas ocupadas na localidade, sobre os segundos. Entretanto, ao se observar a área sul,

nota-se que ela é a única em que os negros predominam proporcionalmente em relação aos brancos na ocupação de empregos formais. Contudo, a área é muito inferior se tratando da quantidade absoluta de empregos formais (2.629 para todos os grandes setores) em relação ao Baronesa, Portal D'Oeste + Bonança, Industrial Anhanguera e Adalgisa e Vila Yara, conforme apontado no mapa 15, fazendo com que no total geral não se equilibre a média de rendimento do negro no município como um todo, possuindo em termos absolutos grande desvantagem.

Esses dados dialogam com o processo histórico de rearranjo do setor produtivo em Osasco, ou seja, do deslocamento das indústrias da Grande São Paulo para o interior no período citado anteriormente, apesar de suas sedes administrativas ainda permanecerem na região central, com suas unidades produtivas distantes num raio de 150 a 200 km. O motivo foi a busca pela redução de custos oriundos do alto preço da terra e, sobretudo, impostos, sendo, portanto, o capital produtivo deslocado para o interior paulista por incentivos fiscais, menores custos e a maximização dos lucros. Ocorrerá, então, uma forte centralização do capital e a descentralização do setor produtivo. E apesar de uma ampliação de empregos no setor de serviços, a razão para a diminuição do setor industrial, na participação da geração de empregos, está nas inovações tecnológicas e na terceirização de atividades.

Tais fenômenos não apontam, contrariando o que se possa imaginar, a diminuição da importância da indústria como setor de atividade, mas uma nova articulação entre o setor industrial e o de serviços, ou seja, segundo aponta Carlos (2004) “há em curso, na metrópole, um processo de modernização no processo produtivo”, com profundos reflexos no espaço – inclusive a segregação socioespacial – que passa a subordinar a urbanização à acumulação.

Carlos (2004, p.56) também acerca da modernização do setor de serviços, indica que mesmo como reflexo haver a criação de postos de trabalhos relacionados à informática, tecnologia e comunicações, houve também a geração de serviços de

[...] domésticos, limpeza, segurança, bem como, balconistas, motoboys, atendente de telemarketing. O que significa que acompanhando a modernização de vários setores econômicos, há uma precarização do trabalho com salários mais baixos, e a perda de direitos como o contrato de trabalho e benefícios sociais, que daí decorrem, tais como: seguro de saúde, sindicalização, negociação coletiva para o aumento de salários, etc. A precarização do trabalho fez-se sentir com o aumento do número de

ambulantes nas ruas da metrópole, consequência do aumento da informalidade do trabalho.

Os dados expostos no capítulo anterior do boletim sobre o negro no mercado de trabalho da PED de 2013 corroboram justamente com as colocações de Carlos, ao afirmarem que são essas posições precárias as predominantemente ocupadas pelos negros no Brasil e, partindo desta conclusão, pressupõem-se que o mesmo ocorra em Osasco e que tenha estreita relação, principalmente, com as condições de escolaridade da população – fator predominante para melhor colocação e rendimentos no setor de serviços, exigindo maior qualificação profissional e gerando grande disparidade dada a heterogeneidade de ocupações.

Os mapas 8 e 6 apresentam essa dimensão, demonstrando que a proporção da população menos escolarizada (de analfabetos ao fundamental incompleto) se amplia, sobretudo, do centro-sudeste de Osasco para as extremidades norte e sul, que chegam a ter proporções estimadas em mais de 50% da sua população nas áreas justamente onde, de acordo com o mapa 7, reside o maior quantil da população negra da cidade, que predomina, inclusive, numericamente sobre a branca nas áreas de ponderação do IBGE (2010) Aliança, Munhoz Jr e Paiva Ramos, ao norte, e Santa Maria ao sul.

Ao se analisar a tabela 7, constatou-se que o rendimento médio total dos brancos, segundo o último Censo de 2010, é 25% maior em relação aos negros em todas as áreas de ponderação, excetuando no Portal D' oeste. Na média geral, um negro possui rendimento total de R\$750,60 e os brancos de R\$1.036,70. Quando tratada em específico da área Centro, negros chegam a ter uma renda mensal total em média de 50% menor que a dos brancos. Na área Vila Yara essa divergência se reduz para 30% e em Presidente Altino para cerca de 42%. Tal conclusão nos leva a considerar que a divergência se amplia, principalmente, conforme se direciona mais ao centro da cidade.

Uma possível hipótese para a divergência salarial resida novamente na Divisão Social do Trabalho em sua face racial, onde, conforme já explícito anteriormente, o negro ocupa as posições de menor prestígio, remuneração e escolaridade vinculada.

Áreas de Ponderação IBGE 2010	Branca (R\$)	Negra* (R\$)
Aliança	544,71	487,49
Ayroza	981,33	684,13
Centro	2.221,14	1.187,31
Cipava	1.022,59	843,29
Conceição	715,98	644,34
Jardim D'abril	1.258,15	766,08
Km 18	1.718,52	1.166,83
Munhoz jr.	552,49	489,36
Padroeira	581,64	472,52
Paiva Ramos	497,49	428,45
Pestana	945,22	759,40
Portal D'oeste	591,28	595,74
Presidente Altino	1.551,01	906,67
Rochdale	918,84	579,46
Santa Maria	846,27	696,12
Veloso	771,32	609,96
Vila Menk	674,49	588,53
Vila Yara	2.268,05	1.605,23
Média Total	1.036,70	750,60
Nota: Dados referem-se apenas aos domicílios particulares permanentes. * Média dos valores de Pretos e Pardos, considerados como negros na pesquisa. FONTE: IBGE, 2010.		

Tabela 7: Estimativa do rendimento médio mensal total em 07/2010 por cor ou raça.

Posição	Média Salarial	Classes de atividade econômica com maior participação
1	R\$ 2.513,78	Fabricação de produtos diversos
2	R\$ 2.351,16	Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas
3	R\$ 2.272,17	Atividades dos serviços de tecnologia da informação
4	R\$ 2.112,00	Atividades jurídicas, de contabilidade e de auditoria
5	R\$ 2.035,79	Atividades de serviços financeiros
6	R\$ 2.017,20	Atividades de atenção à saúde humana
7	R\$ 1.781,93	Administração pública, defesa e seguridade social
8	R\$ 1.641,13	Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos
9	R\$ 1.599,07	Impressão e reprodução de gravações
10	R\$ 1.526,46	Transporte terrestre
11	R\$ 1.451,57	Educação
12	R\$ 1.332,96	Serviços especializados para construção
13	R\$ 1.300,79	Atividades de vigilância, segurança e investigação
14	R\$ 1.285,59	Comércio, exceto de veículos automotores e motocicletas
15	R\$ 1.132,62	Alimentação
16	R\$ 1.020,67	Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados a empresas
17	R\$ 978,76	Confecção de artigos do vestuário e acessórios
18	R\$ 899,14	Outras atividades de serviços pessoais
19	R\$ 777,34	Serviços para edifícios e atividades paisagísticas
20	R\$ 637,83	Serviços domésticos

Tabela 8: Estimativa do rendimento médio mensal no trabalho principal em 07/2010 por vinte classes de atividade econômica com maior participação. FONTE: IBGE, 2010

A análise da PNAD Contínua (IBGE) – publicada para o segundo trimestre de 2018 – apontou que os negros (pardos e pretos) compunham em 2012 cerca de 59,1% da população desocupada e os brancos 40,2%, totalizando uma massa de 7,5 milhões de pessoas desocupadas. Já para o período de 2018, o número total de desocupados sobe para 12,9 milhões, sendo que a parcela de desocupados negros subiu para a proporção de 64,1% e a dos brancos reduziu-se para 35%. A pesquisa também apontou que a taxa de desocupação se eleva de acordo com a menor escolarização.

Outro dado relevante, segundo a agência de notícias do IBGE¹⁸ (novembro de 2017), divulgando também os dados da PNAD Contínua para o 3º trimestre de 2017, apontou que os negros correspondem a 66% dos trabalhadores domésticos – categoria de serviço descrita na tabela 8 com um dos piores rendimentos médios – e entre os ambulantes 66,7%, indicando que os negros são os mais atingidos pelo trabalho informal, com apenas 71% da categoria trabalhando com carteira assinada no setor privado – abaixo do índice total de 75,3 % trabalhadores registrados no setor.

O mapa 9 demonstrou uma tendência espacial muito interessante quando comparado com o mapa 8, pois correlaciona a variável de negros ocupados da população residente pelo nível de escolarização fundamental incompleto, apresentando forte presença dos desocupados negros nas áreas de ponderação com altos índices de pouca escolaridade, podendo indicar uma relação da ocupação dos empregos formais que demandam tal característica de escolaridade, o que acaba resultando em maiores taxas de desemprego entre os negros e a menor remuneração.

É evidente que, por corresponderem à maioria da população osasquense, os índices para os trabalhadores brancos tenderiam a predominar, em média no território, proporcionalmente sobre o número de negros. Entretanto, o mapa 11 – confeccionado a partir da diferença entre a proporção de empregos formais ocupados por brancos e negros celetistas, ou seja, com resultado oriundo da subtração simples do percentual de brancos sobre o de negros – e a tabela 11 – expressa já em números absolutos de empregos formais – apresentam localidades

¹⁸ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18013-pretos-ou-pardos-sao-63-7-dos-desocupados.html>

onde há disparidades que superam a proporção da população negra residente, cerca de 40%, e que se concentram de forma circundante à central, com maiores proporções na área de ponderação Adalgisa, que é, conforme referido anteriormente, a área que abriga os maiores índices de empregos por escolaridade, maior renda, maior ligação da infraestrutura urbana osasquense com a paulistana. Posta tal situação, evidencia-se a contradição da produção capitalista do espaço através da dialética entre modernização e a desigualdade, consolidando ampla divisão e fragmentação qualitativa do trabalho território, refletindo diretamente sobre a apropriação desse pelas diferentes classes e suas composições.

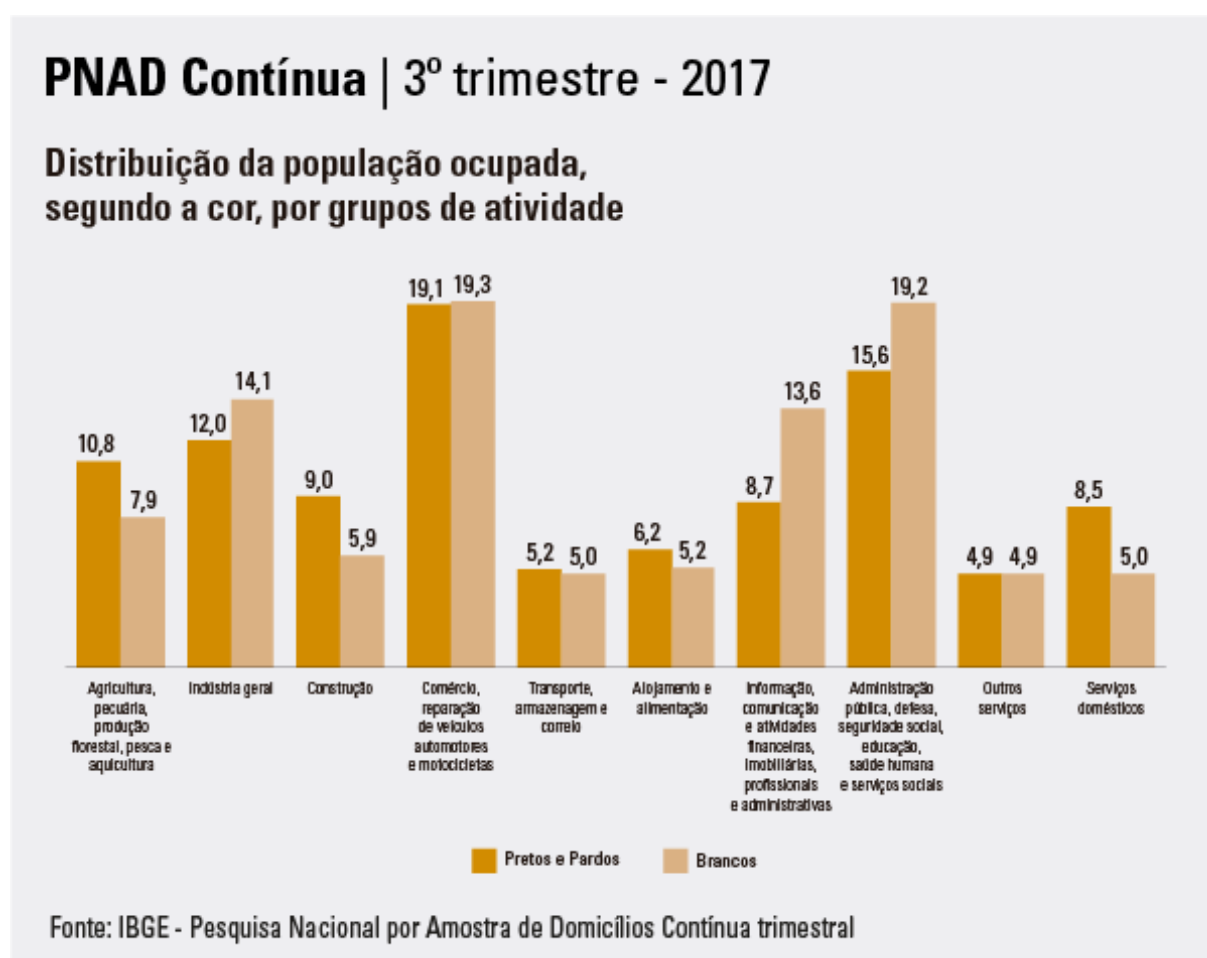


Figura 2: Gráfico de distribuição da população ocupada, segundo a cor, por grupos de atividade. Fonte: IBGE, 2017.

3.1 DA DIVISÃO SOCIAL E TERRITORIAL DO TRABALHO À SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E RACIAL.

Tendo, portanto, contextualizado o processo histórico da Divisão Territorial do Trabalho e o processo histórico que consolidou a base para a atual Divisão Social do Trabalho – por meio da escravidão dos negros africanos e seus descendentes por mais de 350 anos –, parte-se para as considerações acerca do processo de segregação da população negra no município de Osasco, pressupondo, conforme nos afirma Santos (2009), que o “[...] aprofundamento resultante da divisão do trabalho impõe formas novas e mais elaboradas de cooperação e controle”, tendo a segregação socioespacial materializada a partir das diferenciações presentes no espaço e na forma como se dá a apropriação do mesmo. Fortemente, no caso de Osasco, numa relação centro-periferia claramente estabelecida na atualidade.

Faz-se necessário, para isso, denotar diferenciação para as categorias subúrbio e periferia, sendo o primeiro originado historicamente e principalmente em lotes maiores nas localidades de entorno das ferrovias e estações ferroviárias, no período que vai do final de XIX aos anos 1960 e sendo a primeira referência de divisão social do espaço entre as classes, fortemente ligado às origens do município de São Paulo, da Grande São Paulo e de Osasco. Pode-se afirmar, então, que o subúrbio se impõe como fenômeno ligado ao processo de industrialização e, de acordo com o postulado no primeiro capítulo desse trabalho, com a reorganização da Divisão Territorial do Trabalho brasileira ao longo do século XX.

A periferia, por outro lado, remonta ao fenômeno migratório do êxodo rural brasileiro ao longo da transição demográfica da população, como reflexo surgido a partir dos anos 50 do século XX, tendo a RMSP grande papel na constituição dessa parcela do território urbano que passará a ser o lócus da segregação imposta, ditando às classes populares menor escolha de apropriação do território urbano, dado, segundo Vicentini (2010), principalmente pelo valor diferencial do preço da terra urbana, onde a autora continua, ao citar Santos, que “[...] pobreza e periferização aparecem como dois termos e duas realidades interligadas. O nexos entre os dois é assegurando pelo processo especulativo¹⁹[...]”

19 Vicentini, 2010: p.67 apud Santos, 1990: p.50

Então o subúrbio dará lugar a periferia na nova constituição da dinâmica das metrópoles brasileiras, sobretudo a partir dos anos de 1970, tendo o mercado imobiliário e o Estado como principais agentes de produção do espaço urbano sob a égide da reprodução capitalista e condicionantes do uso do território, denotando esse novo rearranjo, nas análises de Carlos (2004) e Harvey(2004), como reflexos da passagem do capital produtivo para o capital financeiro, que passa a se realizar no espaço da Metrópole por meio do “produto imobiliário”, tornando o espaço numa mercadoria e influenciando sobre a segregação dos mais desvalidos às regiões de menor preço.

O site Agente Imóvel²⁰ divulgou na sua área de tendências os valores de imóveis mais caros de acordo com os bairros de Osasco. Apesar do conhecimento de que não se trata de uma fonte de base científica e acadêmica, julgamos que o site cumpra seu papel como referência para o mercado imobiliário, no mínimo na especulação de preços junto aos consumidores, o que já se revela extremamente relevante para compreender a dinâmica de segregação socioespacial.

Os 10 Bairros mais caros em Osasco - 07/2018			
Bairro	Alteracao Mensal	Preco por M2	Preco Medio
1 Centro	+0.08%	6.363	608.979
2 Umuarama	+0.03%	6.147	683.999
3 Vila Yara	-0.12%	6.055	661.884
4 Vila Osasco	+0.02%	5.945	549.375
5 Vila Campesina	+0.00%	5.842	790.638
6 Continental	+0.84%	5.640	419.135
7 Presidente Altino	-0.11%	5.508	491.849
8 Bela Vista	+0.34%	5.288	593.904
9 Km 18	+0.17%	5.243	490.984
10 Quitaúna	+0.25%	4.796	382.071

Figura 3: Tabela de preços dos 10 bairros mais caros em Osasco. Disponível em:

<https://www.agenteimovel.com.br/mercado-imobiliario/a-venda/osasco,sp/>

20 “O Agente Imóvel é um portal imobiliário que oferece as melhores e mais recentes ofertas em lançamento, compra e aluguel de imóveis”. Disponível em:

<https://www.agenteimovel.com.br/mercado-imobiliario/a-venda/osasco,sp/>

Segundo a tabela, analisando-se o preço por metro quadrado, há uma correlação geográfica quando tratamos dos bairros mais próximos à fronteira com os bairros da zona oeste do município de São Paulo, justamente com um decaimento de preço de acordo com o deslocamento para Oeste do município de Osasco, sentido ao município de Carapicuíba. No entanto, os bairros enumerados circundam o eixo de deslocamento viário intermunicipal de São Paulo/Osasco/Carapicuíba, margeando a rodovia Castelo Branco – ao sul – e a Avenida dos Autonomistas. Contudo, ao se verificar o valor médio dos imóveis, fica nítido que a ordenação se altera, situando-se na primeira colocação o bairro do Campesina – coincidentemente onde se situa a Cidade de Deus, sede do banco BRADESCO, e a prefeitura municipal de Osasco –, seguido por Vila Yara, Umuarama – vizinhos do primeiro –, o que leva, quando observado pela ótica do mapa 7 e da tabela 7, que há uma relação muito estreita entre a renda e a raça, sendo essas as áreas com a menor presença de negros e de maiores rendimentos.

Uma “coincidência” que revela um dos reflexos da Divisão Social do Trabalho à segregação racial imposta no território osasquense por meio da renda, corroborando novamente com os dados expostos anteriormente e com a hipótese de que no município de Osasco não há uma exceção ao processo histórico de exclusão da população negra que assola todo o espaço brasileiro, sendo a mesma a justamente ocupar as profissões de menor remuneração e prestígio.

Acerca do processo de segregação oriunda pelo preço da terra decorrente da implantação do Rodoanel Mário Covas na área sul de Osasco, Vicentini (2010: p.64) indica que

A atuação do mercado imobiliário segue a atuação do conjunto dos proprietários dos meios de produção. A implantação de rodovias e vias de fácil acessibilidade encadeia processos de especulação e valorização do preço do solo urbano, possibilitando lucros cada vez mais altos aos promotores imobiliários. Por conseguinte, esses processos (re)dinamizam os processos de segregação imposta, já que as melhores localizações são destinadas à implantação de empreendimentos de alta lucratividade, onde as classes populares não conseguem cobrir financeiramente as demandas de despesas geradas por essa dinâmica.

Já o mapa 6, produzido pela SEPLAG (2018: p.284) e divulgado em seu diagnóstico para o município de Osasco, baseia-se no Índice de Paulista de

Vulnerabilidade Social. Segundo nos esclarece, o documento é um importante indicador de desigualdades, concluindo ao destacar que

[...] por sua característica multidimensional, pois combina dimensão socioeconômica e demográfica, classificando os setores censitários em grupos de vulnerabilidade de diferentes níveis. Para esta análise, foi considerada a proporção da população em alta e altíssima vulnerabilidade. A cidade de Osasco, com 17,6% de sua população neste perfil, apesar de apresentar média inferior à RMSP (20,1%), possui proporção superior ao estado (16,7%).

A simples observação e comparação com o mapa 7 direciona ao entendimento que são nas áreas de menor valor de aquisição e com maiores índices de vulnerabilidade onde está localizada a maior população negra da cidade. Além disso, buscando-se compreender a dinâmica da metrópole e as faces do fenômeno periferia, quando observadas as áreas dos setores censitários com maiores índices, percebermos que elas correspondem justamente com o mapa também elaborado pela SEPLAG, das favelas, áreas de risco e de alagamento em Osasco (mapa 16), e com o mapa 10, que indica as extremidades norte e sul da cidade como as localidades de maior concentração de esgotamento de outros tipos em que não há a coleta pela rede geral, ou seja, sem tratamento dos resíduos gerados. Em geral, essas áreas possuem grande concentração de lixo e proliferação de doenças.

Harvey (2004) coloca que essas são as consequências no espaço urbano regido sob a reprodução do capitalismo em sua nova forma do pós-fordismo, dando lugar à acumulação flexível, que condiciona os mais pobres a mais horas de trabalho com respectiva redução dos padrões de vida, dependendo o capitalismo cada vez mais da mobilização de forças de trabalho intelectual, mas coexistindo ainda uma combinação entre a mais-valia relativa e absoluta a depender do ponto do globo. Essa combinação dará espaço à subcontratação e uma modificação da composição da classe trabalhadora global. Isso se refletirá na Divisão Social do Trabalho, conforme nos aponta Harvey (2004: p.179 – 181)

[...] sistemas alternativos de controle do trabalho abrem caminho para a alta remuneração de caráter empreendedor. A tendência exagerada pela passagem para o setor de serviços e pelo alargamento de “massa cultural”, tem sido de aumentar as desigualdades de renda, talvez pressagiando o

surgimento de uma nova aristocracia do trabalho, bem como a emergência de uma subclasse mal-remunerada e totalmente sem poder.

Trazendo a compreensão de Harvey para o caso brasileiro – e de Osasco –, é mais do que evidente que é a população negra que se consolida como subclasse e que passará a ser a que mais sofre as consequências dessa transição de processo acumulativo na produção do espaço urbano, que se consolida na dimensão espacial como a segregação e que agirá com o aval do Estado, disfarçado sob a égide do discurso do Planejamento ou, como prefere Lefebvre, a ideologia urbanística que se apresenta como a solução técnica.

Doravante, continuando as colocações de Carlos (2009: p. 296), há uma nova cidade emergindo a partir da mundialização, revelada num mundo extremamente urbano, onde

[...] justapõem-se a pobreza e os conjuntos fechados com altos muros, revelando as novas estratégias de acumulação redefinidas pelo capital industrial/financeiro sob a mediação do mercado imobiliário, e criando o espaço urbano contraditório. Assim, a descontinuidade dos espaços cria a dialética concentração-dispersão.

A segregação racial no Brasil é fruto da transição do processo histórico de acumulação capitalista na sua fase mercantil para a industrial, conferindo aos primeiros capítulos desse trabalho o desenrolar da transição da Divisão Social e Técnica do Trabalho no Brasil e em Osasco, sendo uma segregação que (Tineu, apud Telles, 2003: p. 173 – 180)

[...] tem consequências importantes no desenvolvimento da comunidade afro-brasileira e na sua participação na sociedade brasileira. A segregação geralmente se traduz em desigualdades no acesso ao mercado de trabalho e de consumo, mercados tendem a se localizar dentro ou perto dos bairros de brancos de classe média (ou da classe trabalhadora), assim como também no acesso às escolas hospitais e à proteção policial e do corpo de bombeiros. Psicologicamente, a segregação restringe o contato com pessoas de classe média que sirvam de modelo, inibindo ainda mais a mobilidade social, na medida em que as oportunidades de interações inter-raciais e inter-classes são reduzidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há de se considerar que mesmo o Estado brasileiro tendo ampliado sua presença a partir da virada para o século XXI perante a população mais pobre, com respectiva melhoria indicada por diversos dados e indicadores de ampliação da escolaridade, diminuição de disparidades e maior acesso ao consumo, ainda assim houve a intermediação necessária desse Estado ao processo de acumulação global e à reprodução do capitalismo e do espaço, carregando consigo as contradições inerentes a esse processo, como a crise urbana. Quando considerada a questão racial, percebe-se que há um relativo avanço do debate nos meios de comunicação e na maneira como esse tem aflorado na sociedade, de maneira não tão discreta e restrita aos círculos universitários, tomando reportagens, entrevistas, comerciais e pesquisas. Afinal, não é mais possível esconder as mazelas herdadas de 350 anos de escravidão, marcadas na pele, na vida, no habitar, no Lugar e no Espaço.

Esse trabalho não pretendeu esgotar ou criar uma fórmula, mas uma linha lógica que perpassasse a crítica e entenda o lugar da pesquisa no Brasil na denúncia da desigualdade a qual é acometida todos os dias trabalhadores, negros, mulheres, a comunidade LGBTTT, sem que para isso se utilize o discurso panfletário, simplista, que não leva em conta o movimento de superação da realidade. Estabelecer um compromisso social da ciência a partir de uma geografia crítica que leve em conta a realidade no âmbito mais dialético.

Nesse sentido, esse trabalho cumpriu o seu papel por meio da profundidade possível de ser estabelecida em um semestre – um tempo muito curto –, para a concretização de um Trabalho de Graduação Individual, o que não significa que a apreensão de novos elementos não seja necessária. No sentido de um primeiro contato com a confecção de um trabalho acadêmico, o processo de pesquisa bibliográfica, levantamento e tratamento de dados, confecção de mapas e a síntese de todos os elementos foram um grande aprendizado. Uma ferramenta que me foi entregue na forma do raciocínio e conclusão da graduação de uma disciplina que nunca mais permitirá aos olhos do pesquisador enxergar o mundo como dimensão apenas do visível.

Com relação a uma avaliação do trabalho em si, foi relevante a dificuldade enfrentada na obtenção de dados específicos provenientes de pesquisas de grande escala – como o Censo e a RAIS – que digam respeito à questão racial de maneira mais específica e que denotem característica espacial de dados na escala das áreas de ponderação e municípios. Os dados provenientes do IBGE se apresentam de modo muito abrangente e próximos da realidade brasileira como um todo em relação aos dos outros órgãos de pesquisas, dado o fato de sua coleta atingir senão todo, grande parcela do território brasileiro. No entanto, quando tratamos da questão racial no mundo do trabalho, as variáveis buscadas pela PNAD Contínua e Pesquisa de Emprego e Desemprego do DIEESE se fizeram mais relevantes a esse trabalho de pesquisa na escala metrópole e urbano, por serem menos generalistas, mas não apresentando dados específicos na escala do município de Osasco e subdividindo seu interesse por regiões ou estados. Outra dificuldade enfrentada, no que diz respeito aos dados, foi trabalhar os provenientes do RAIS (Relatório Anual de Informações Sociais) do Ministério do Trabalho, que seria a única metodologia mais abrangente com possibilidade de acesso direto às informações prestadas obrigatoriamente pelas empresas e de maneira específica à escala municípios e suas subdivisões territoriais. Demandaria, por exemplo, saber por empregador as faixas de remuneração, escolaridade e atividades específicas exercidas por negros e não negros, pois revelariam importantes aspectos acerca da Divisão Social e Territorial de Trabalho, sendo essa, talvez, a maior debilidade e fragilidade desse trabalho, que partiu de um processo de síntese histórica do todo (Brasil, São Paulo e RMSP) com a parte (Osasco), mas com um abismo de dados entre si, mas que no futuro e com publicações de maior profundidade poderá se revelar. Outra demanda de dados seria com relação à mobilidade da força de trabalho de Osasco para os outros municípios vizinhos, principalmente São Paulo, pois pelo simples olhar nas plataformas do trem em Osasco, percebe-se que é muito grande a quantidade de pessoas que se deslocam para trabalhar, estudar e acessar a bens de consumo em outros lugares. Para esse fluxo não foi encontrada referência de dados confiável. Para um maior aprofundamento desse trabalho, seria válido inserir uma compreensão acerca do Plano Diretor da Cidade, que foi consultada em algum

momento apesar de não inserida no trabalho, todavia exigiria uma expansão da bibliografia que o tempo não permitiria.

Os mapas confeccionados e utilizados no trabalho de fato revelam tendências espaciais e que há de fato uma segregação socioespacial de forte recorte racial no espaço de Osasco, fortemente ligada ao processo da Divisão Social e Territorial do Trabalho, cumprindo um papel que os coloca como ferramentas imprescindíveis à geografia. A dificuldade no processo de confecção dos mapas se deu principalmente pela escassa, desintegrada e desorganizada orientação de território para fins de planejamento por parte dos municípios e dos órgãos de pesquisa, tendo se trabalhado com duas orientações distintas – 18 áreas de ponderação do Censo 2010 do IBGE e 28 organizadas pela SEPLAG, com suas próprias codificações e fragmentação do território e com acesso aos dados do primeiro órgão de maneira muito mais fácil que os do segundo, que não os disponibiliza publicamente e que exigiu um contato direto para a requisição e aquisição dos dados. Seria mais satisfatório também no trabalho a presença de mais mapas temáticos que denotassem não apenas a espacialização dos dados, mas mais o movimento dos fluxos e sínteses da cidade, o que acabou se relevando apenas pelo olhar indireto, pelas associações escritas e tabelas. Os mapas indicaram, por exemplo, que as áreas dotadas de melhores indicadores são as que possuem os fluxos mais relacionados à dinâmica espacial do município de São Paulo. Acrescenta-se que mais mapas haviam sido elaborados, mas foram descartados ao longo do processo pelas dificuldades expostas anteriormente.

A maior demanda desse trabalho foi, sem dúvida, a necessidade de expansão da bibliografia, principalmente no que diz respeito ao processo de migração e da população negra frente ao processo da crise urbana. Com certeza a utilização de uma base conceitual mais sólida e extensa permitiria uma melhor síntese dos dados e correlações, expressando melhor a dinâmica e os fluxos. Entretanto, a bibliografia utilizada para a contextualização se revelou muito boa e certa para as exigências desse trabalho, principalmente o trabalho de Ramatis (2013), que, mesmo permeando mais o campo historiográfico, pode expressar muito bem a espacialidade da questão e apresentando excelentes dados amparados por documentação histórica, revelando o processo de desenvolvimento da Divisão Social do Trabalho

de modo muito inovador, assim como a formação da composição da classe trabalhadora brasileira.

Como conclusões finais, fica nítido o pouco esforço público e da sociedade brasileira em se assumir de fato uma dívida histórica para com a população negra, fato revelado por todas as análises das pesquisas, diagnósticos e boletins consultados. De fato se comprova que o suporte ideológico sustentado pelo processo de transição do trabalho no Brasil, fruto do próprio movimento de superação do capitalismo em escala global, continua a perdurar nos dias de hoje, sobretudo na mentalidade das elites brasileiras, que continuam a agir de maneira cruel e maquiavélica de todas as formas, não “largando o osso” e agindo conforme os interesses imperialistas internacionais. Ideologia que, infelizmente, continua a contaminar diferentes segmentos de trabalhadores mais privilegiados na estrutura.

5 REFERÊNCIAS

CARLOS, A. F. A.. São Paulo. Da Capital Industrial ao Capital Financeiro. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri & OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (orgs.) Geografias de São Paulo (V.2) . A Metrópole do Século XXI. São Paulo: Contexto: 2004.

_____. A “ilusão” da transparência do espaço e a “fé cega” no planejamento urbano: os desafios de uma geografia urbana crítica. *Cidades, Presidente Prudente*, v.6, n.10. 2009.

CONTRAF-CUT & Seeb São Paulo. Bancários param a Cidade de Deus, maior concentração do BRADESCO.

Disponível em: <http://bancariosal.org.br/noticia/26238/bancarios-param-a-cidade-de-deus-maior-concentracao-do-bradesco> Acesso em: 15/08/2018.

DIEESE. Os Negros no Trabalho. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED): Boletim de novembro de 2013. Disponível em:

<https://www.dieese.org.br/analisePED/2013/2013pednegrosmetEspecial.pdf> Acesso em 30/06/2018.

GOLDENSTEIN, L. & SEABRA, M. DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO E NOVA REGIONALIZAÇÃO”. *Geography Department, University of Sao Paulo*, 1982, p. 21–47. *Crossref*, doi:10.7154/RDG.1982.0001.0002.

FUNDAÇÃO SEADE. Perfil dos Municípios Paulistas: Redimento médio dos empregos formais. 2016. Disponível em: <http://www.perfil.seade.gov.br> Acessado em: 20/04/2018

HARVEY, D. *Condição Pós Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

IBGE. Pesquisa Nacional de Amostra Por Domicílios Contínua (PNAD Contínua). 2018. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101566_informativo.pdf

Acesso em: 20/07/2018

_____. Pesquisa Nacional de Amostra Por Domicílios Contínua (PNAD Contínua): Segundo Trimestre de 2018. 2018. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2018_2tri.pdf

Acesso em: 20/07/2018

_____. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2017.

Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/osasco/panorama>

Acesso em: 20/07/2018

Marli, M. Agência IBGE de notícias: Pretos ou pardos são 63,7% dos desocupados.

Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18013-pretos-ou-pardos-sao-63-7-dos-desocupados.html>

Acesso em: 20/08/2018

IPEA. História – Breton Woods. Revista de Informações e Debates do Instituto de Pesquisas Econômicas Avançadas. 2009. Ano 6. Edição 50.

PETRUCCELLI J.L. & SABOIA AL. Características étnico-raciais da população: classificações e identidades. Rio de Janeiro: IBGE; 2013. p. 83 – 101.

RAMATIS, J. O Negro no Mercado de Trabalho em são Paulo Pós-abolição - 1912/1920). 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed., 5. reimpr, Edusp, Ed. da Univ. de São Paulo, 2009.

Secretaria de Planejamento e Gestão da Prefeitura Municipal de Osasco. Diagnóstico Estratégico da Cidade de Osasco 2018 – 2021: Anexo III. 2018. Disponível em:

<http://www.seplag.osasco.sp.gov.br/Content/uploads/publicacao/ppa/Diagnostico%20Estrategico%20da%20cidade%20de%20Osasco.pdf>

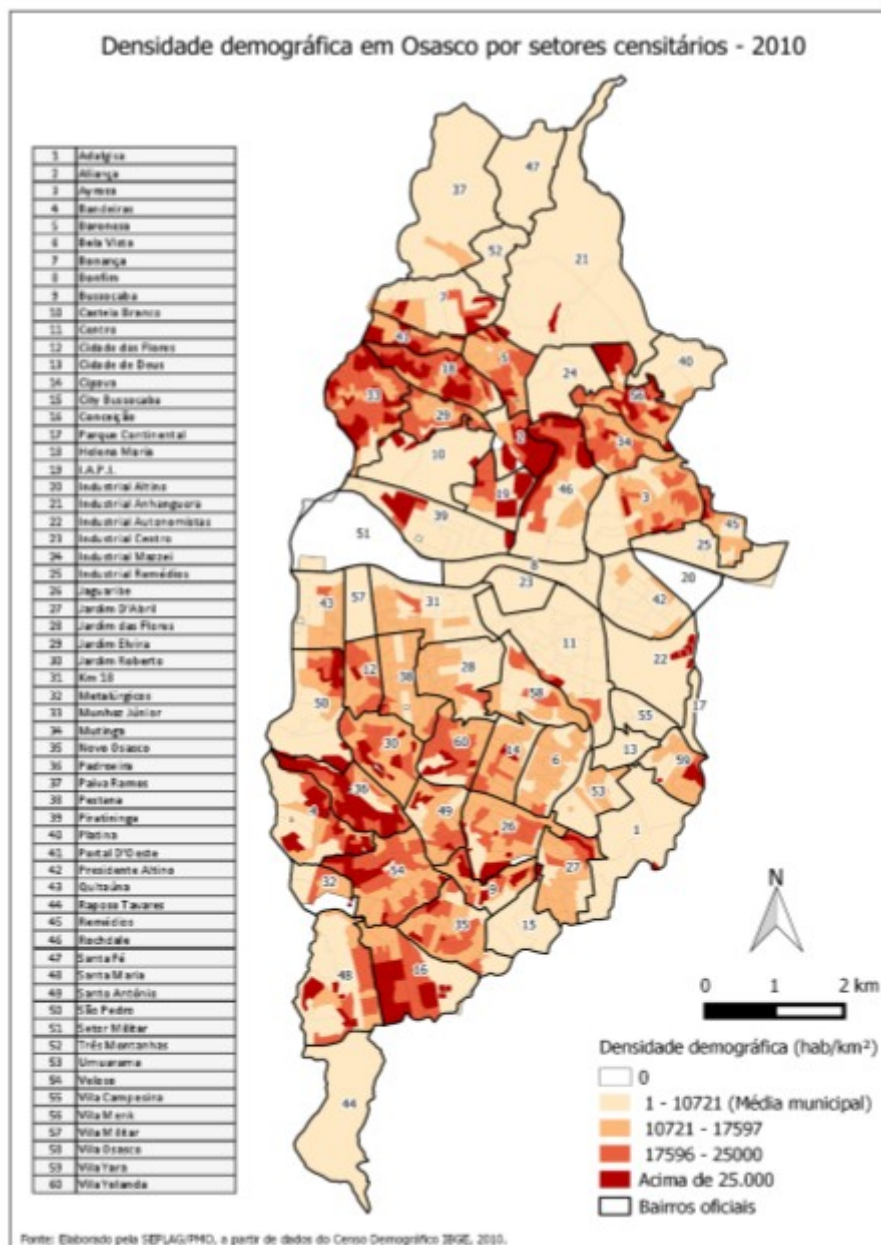
Acesso em: 20/07/2018

TINEU, R. & BORGES, C.M.M. Desigualdade e segregação socioespacial da população negra da cidade de São Paulo. 2016. Artigo publicado na Revista Belas Artes. nº22. São Paulo.

VICENTINI, J. S. B. A reprodução de processos de segregação espacial na periferia da RMSP: o entorno do rodoviário Mário Covas (trecho Oeste). 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia (Geografia Humana)) - Universidade de São Paulo.

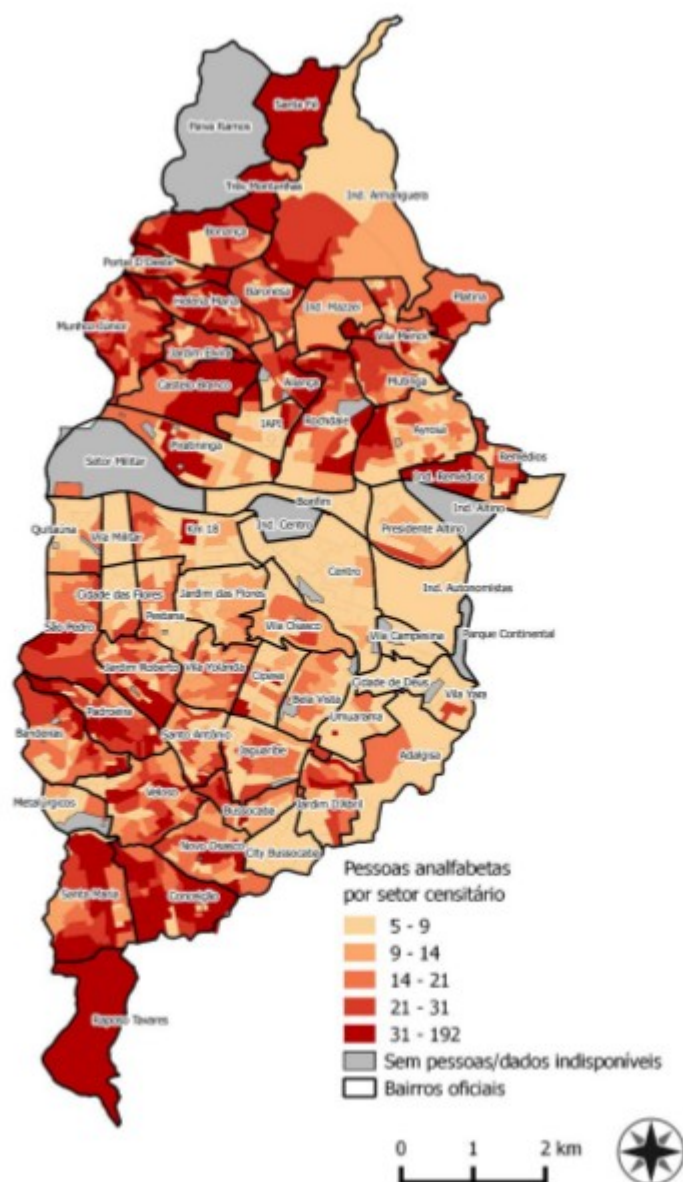
6 ANEXOS

6.1 MAPA 4



6.2 MAPA 5:

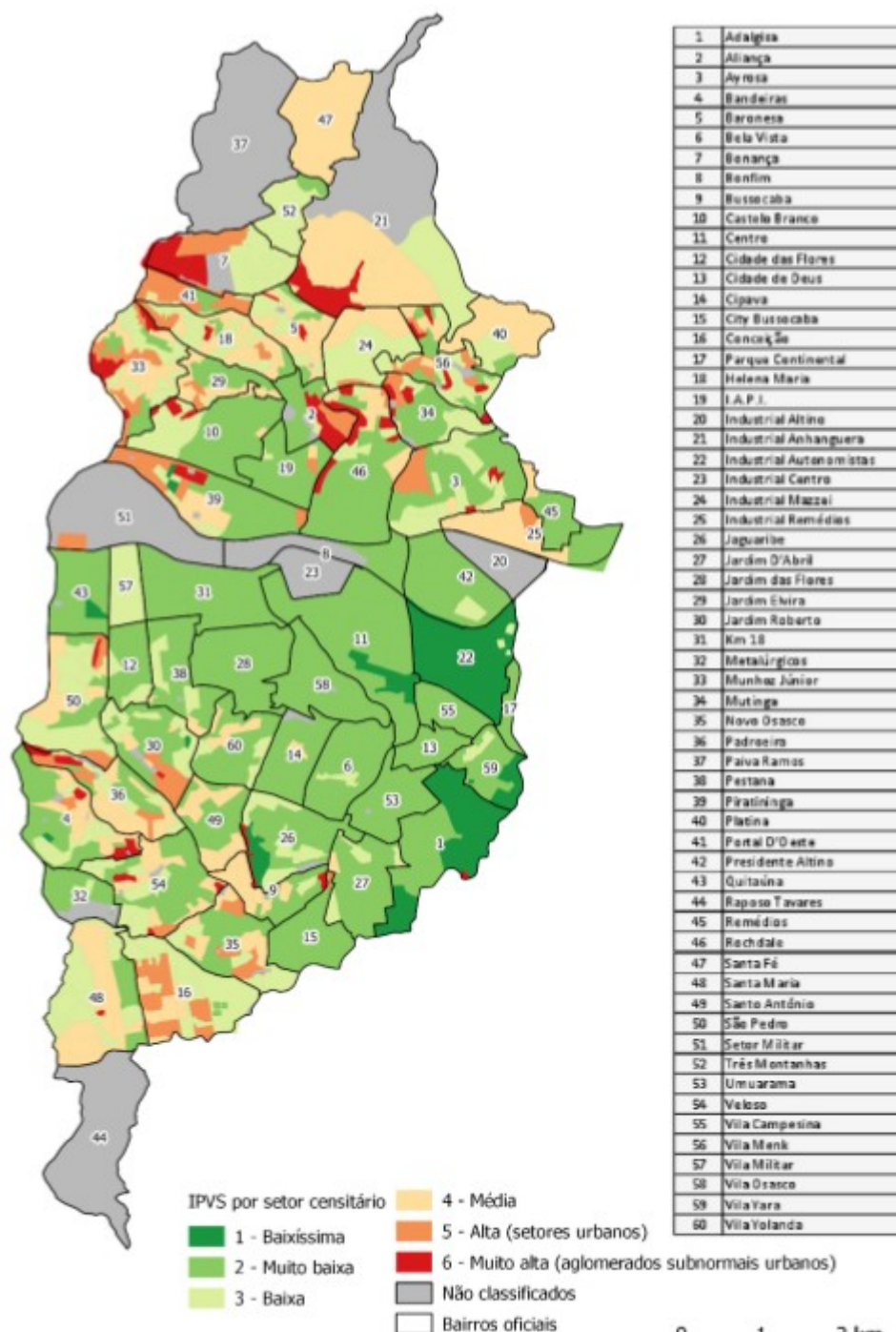
NÚMERO DE INDIVÍDUOS NÃO ALFABETIZADOS COM 15 ANOS OU MAIS POR SETORES CENSITÁRIOS DE OSASCO (2010)



Fonte: Censo Demográfico, 2010. IBGE. Elaboração SEPLAG/PMO.

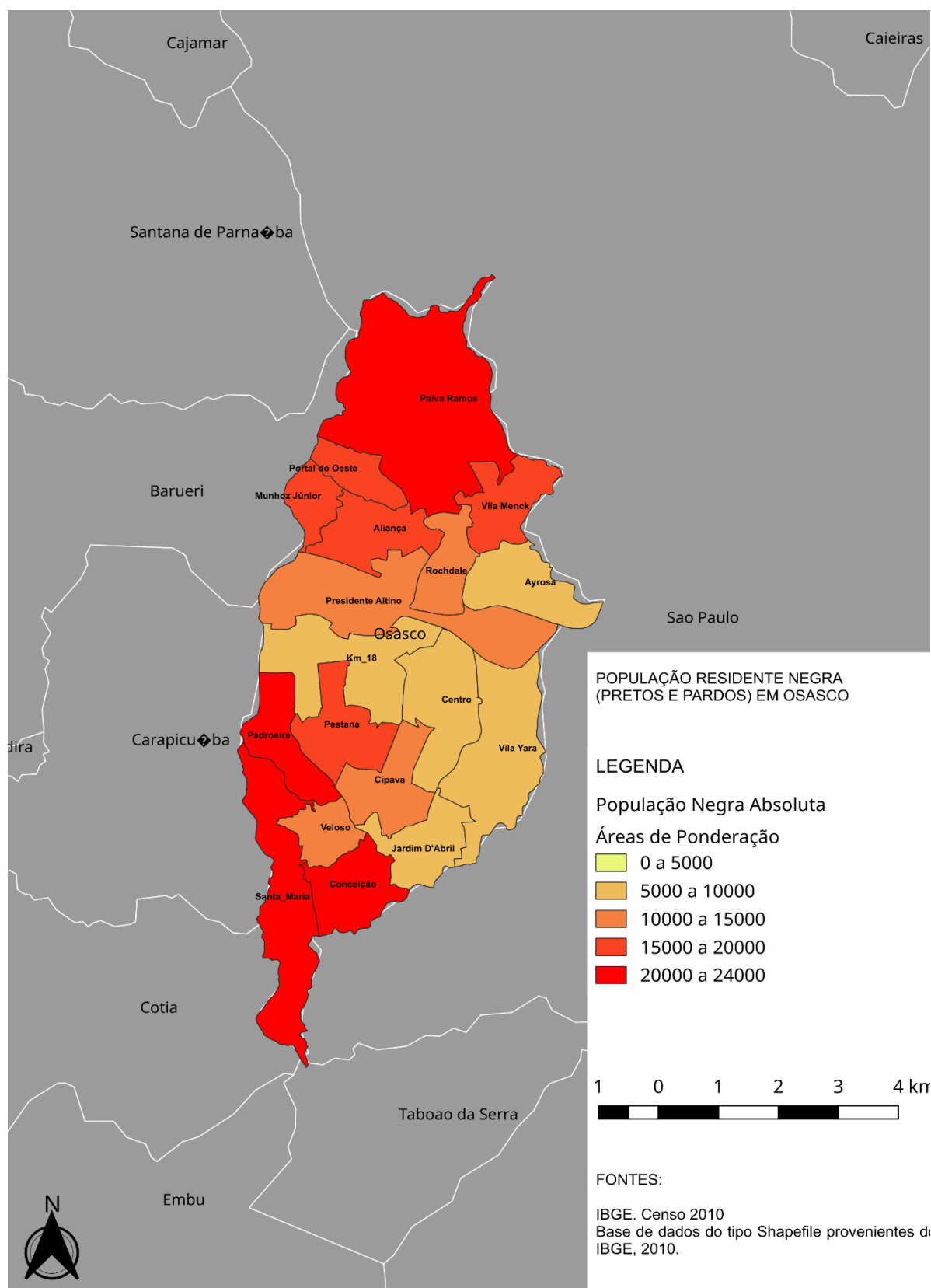
6.3 MAPA 6

ÍNDICE DE VULNERABILIDADE SOCIAL EM OSASCO (2010)

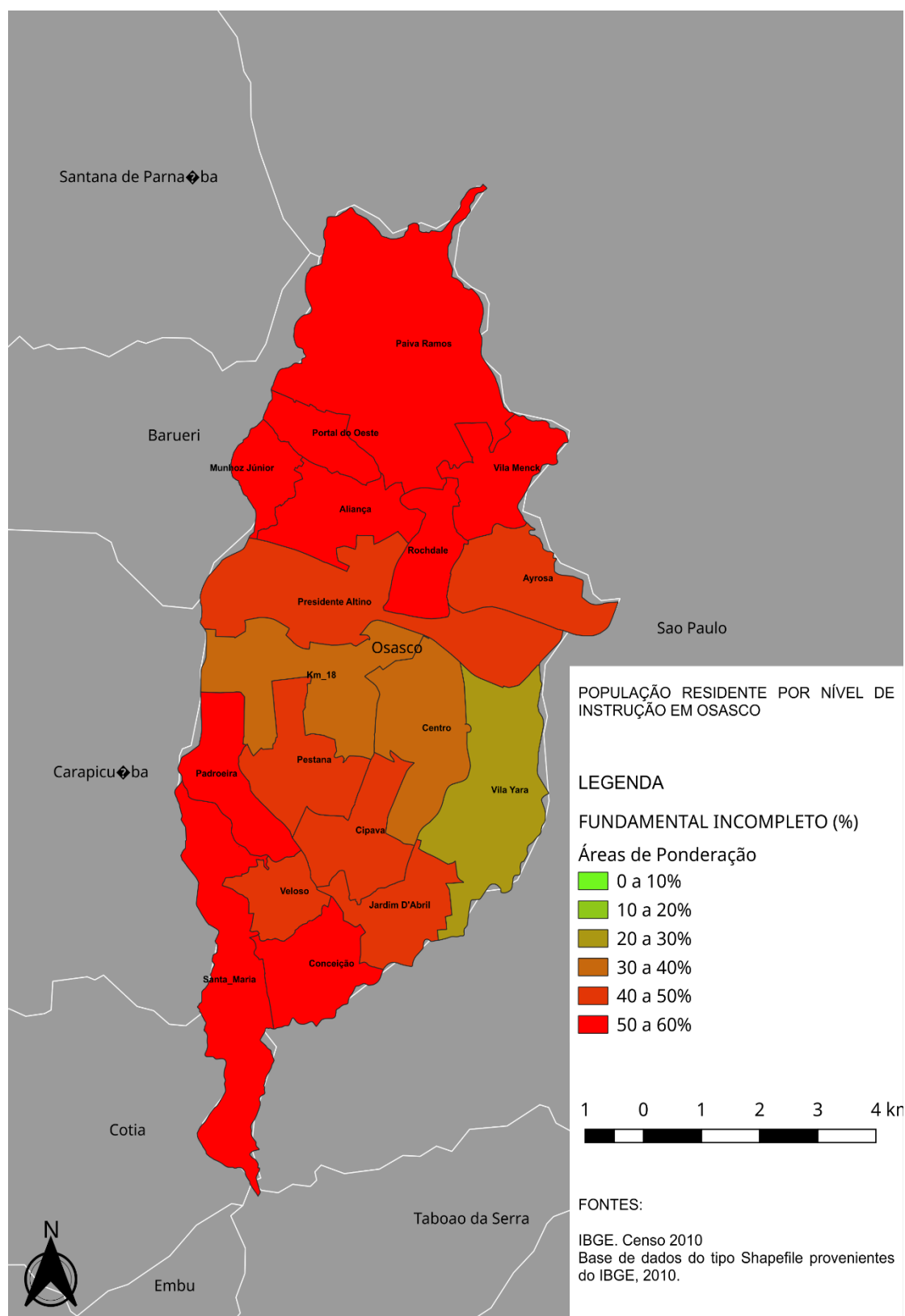


Fonte: Elaborado pela SEPLAG/PMO, 2017.

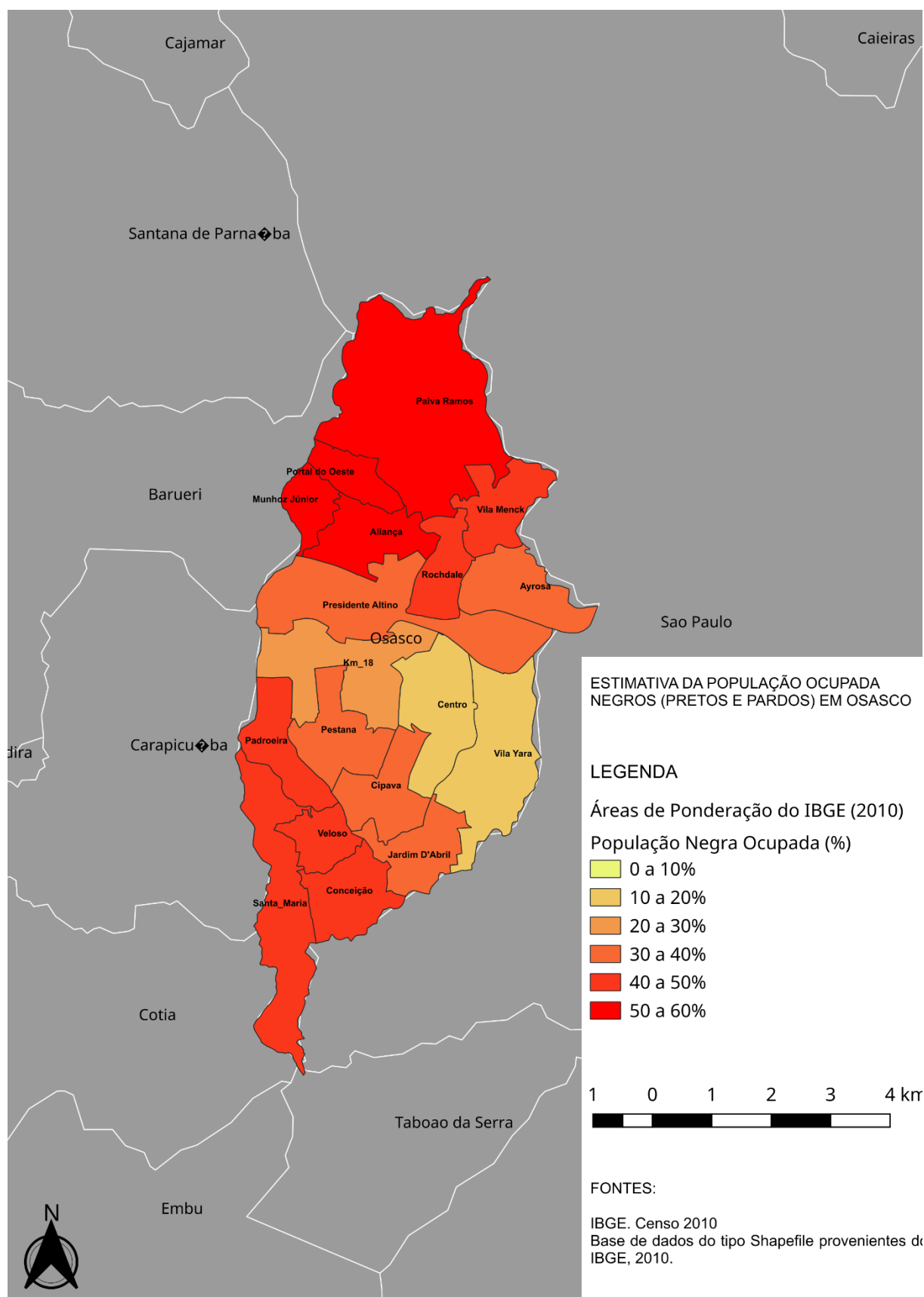
6.4 MAPA 7



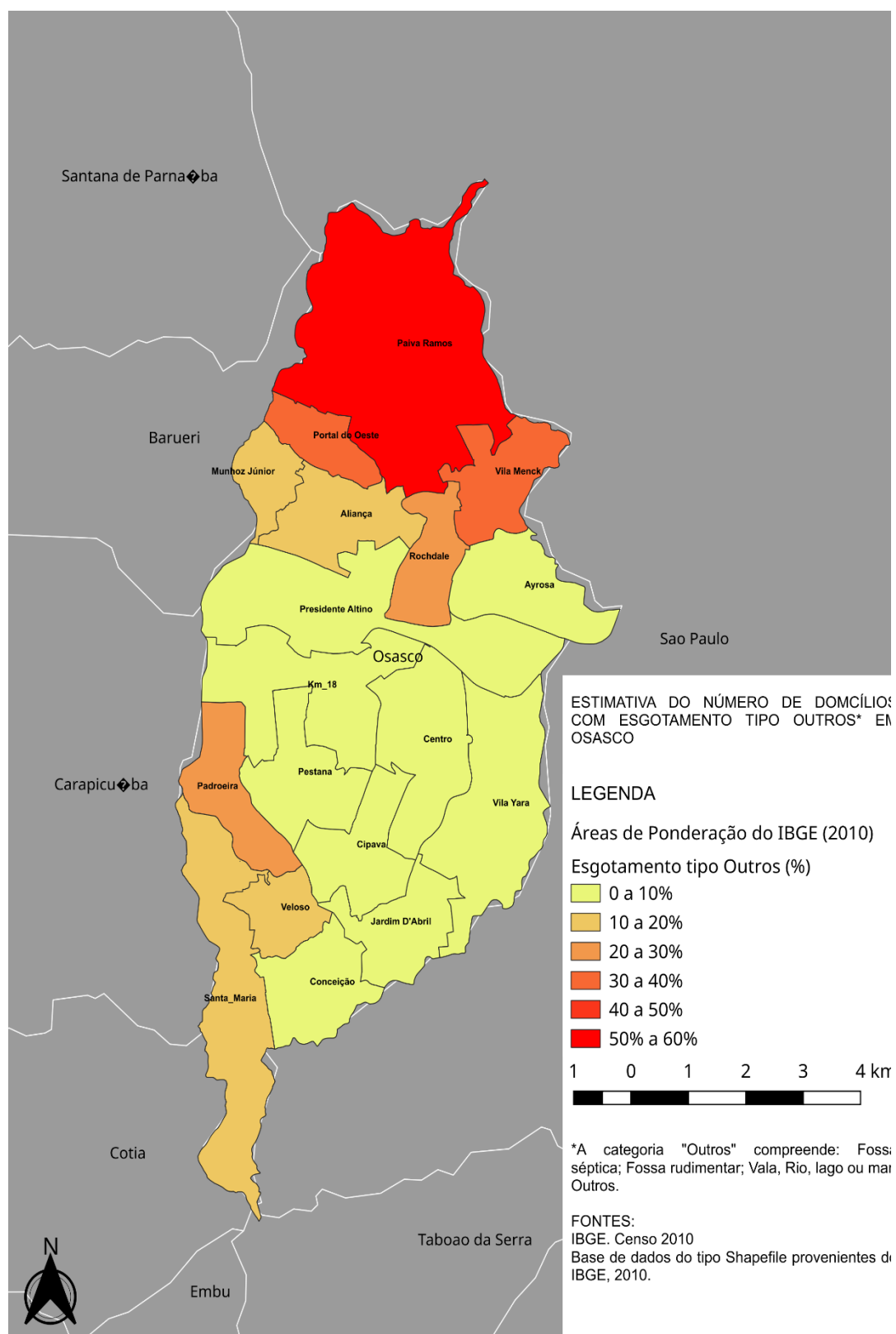
6.5 MAPA 8



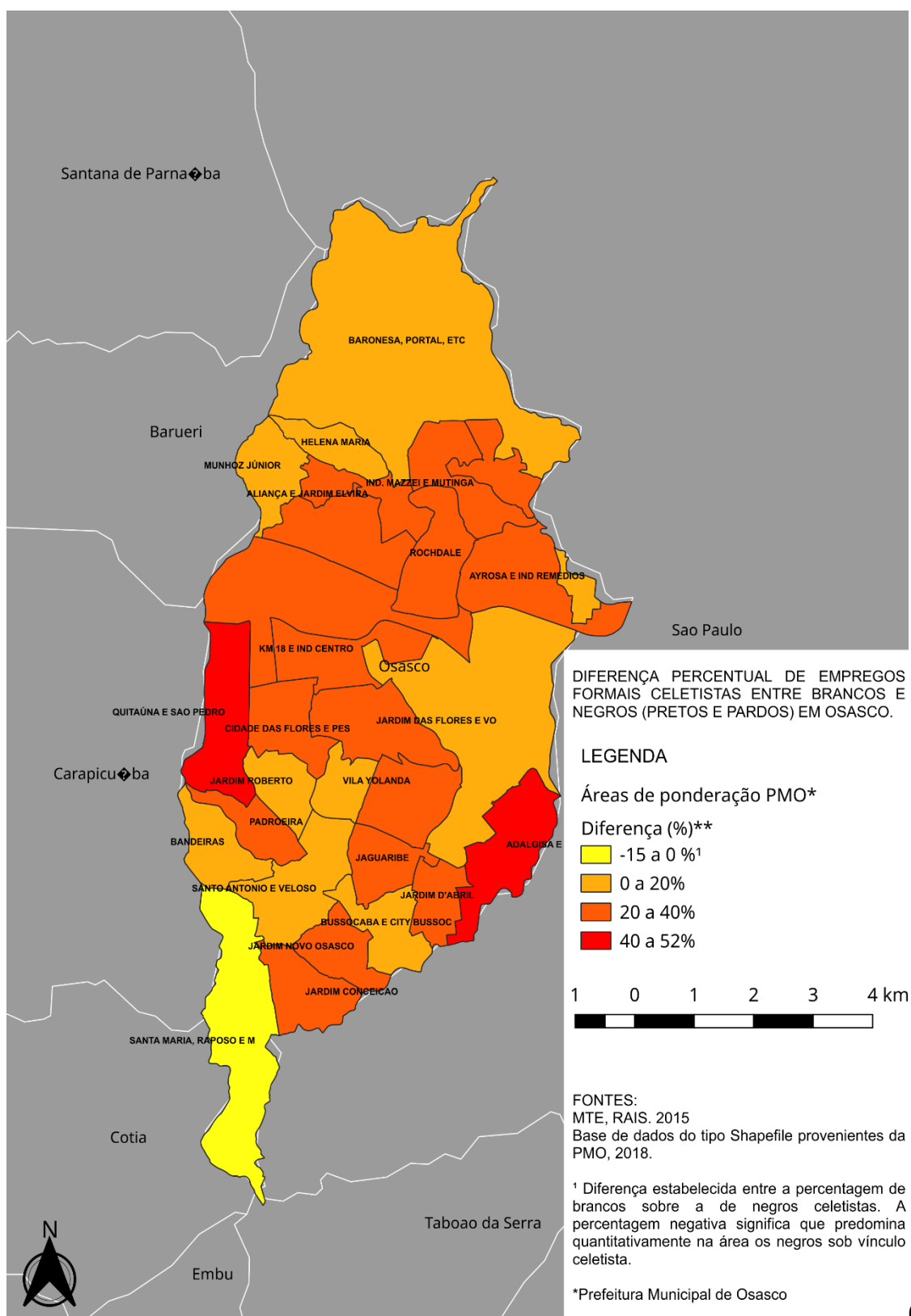
6.6 MAPA 9



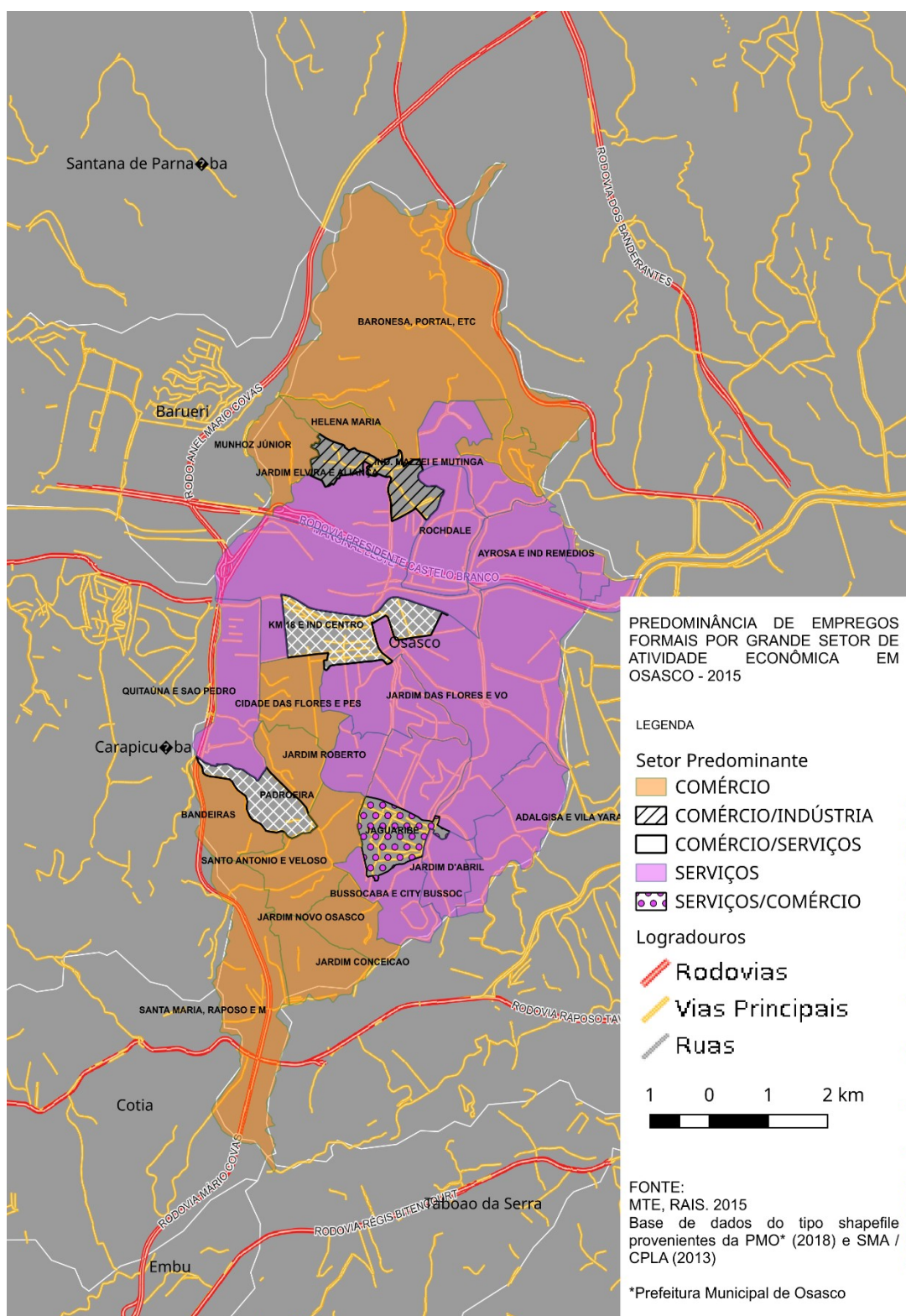
6.7 MAPA 10



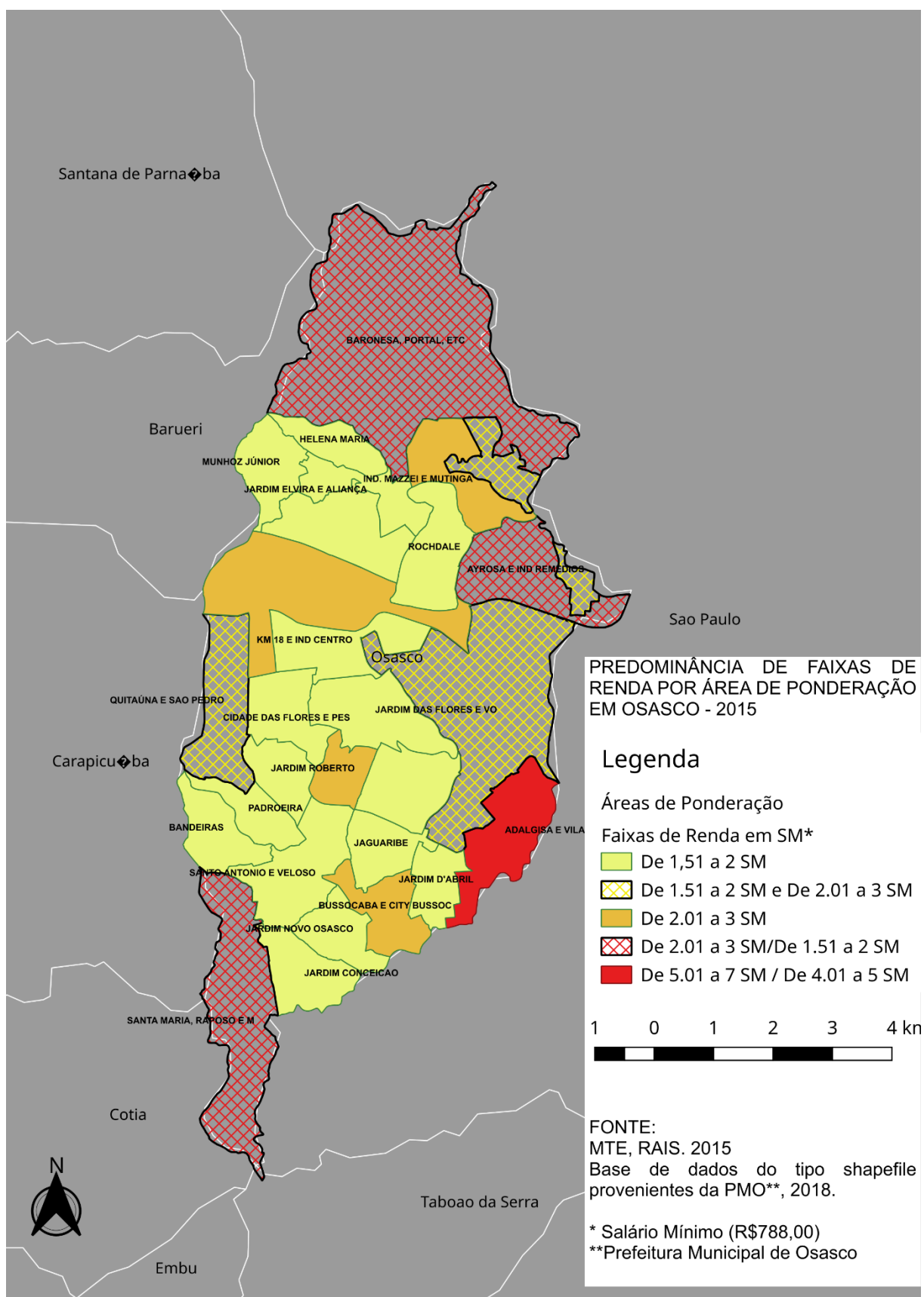
6.8 MAPA 11



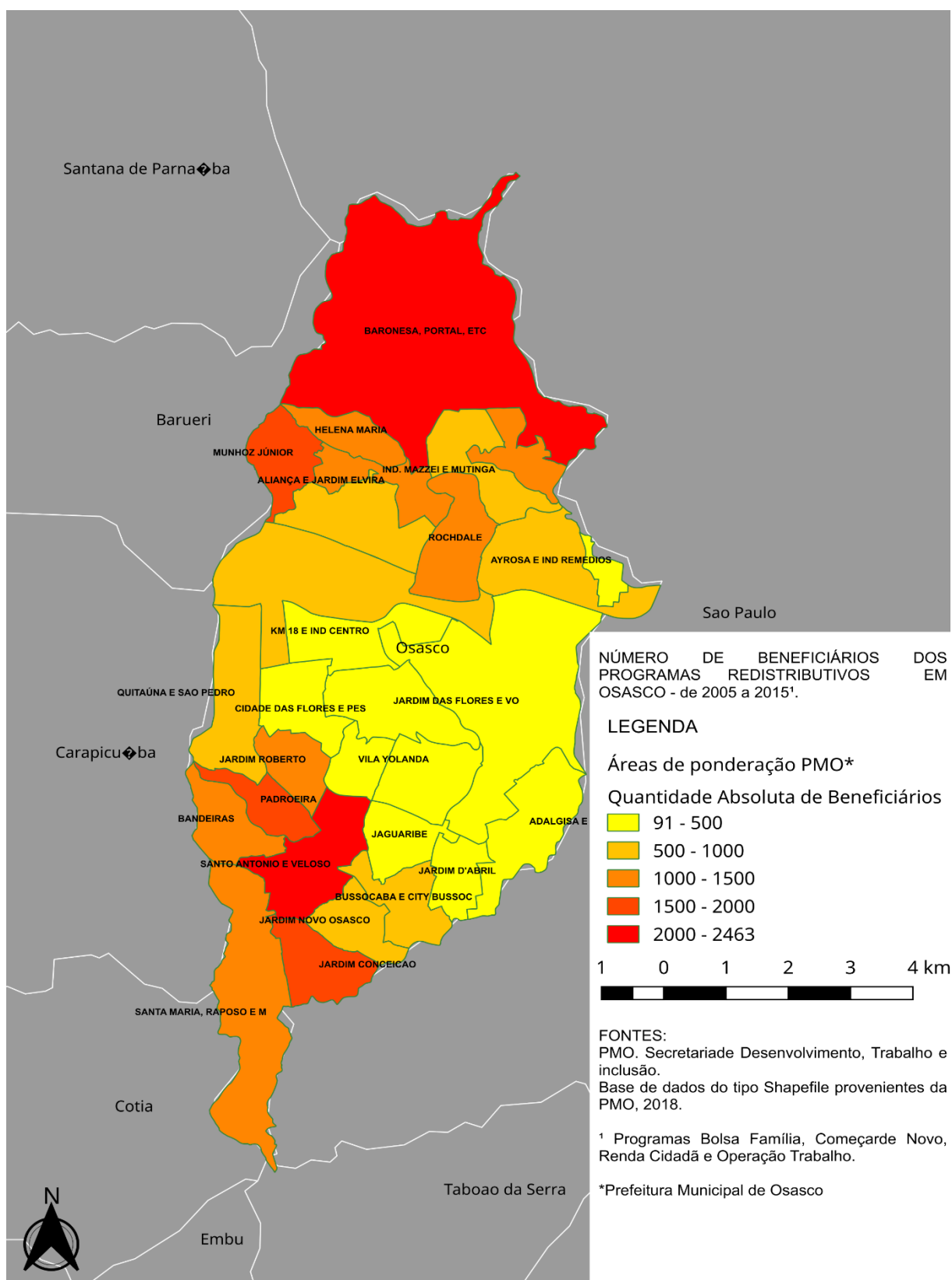
6.9 MAPA 12



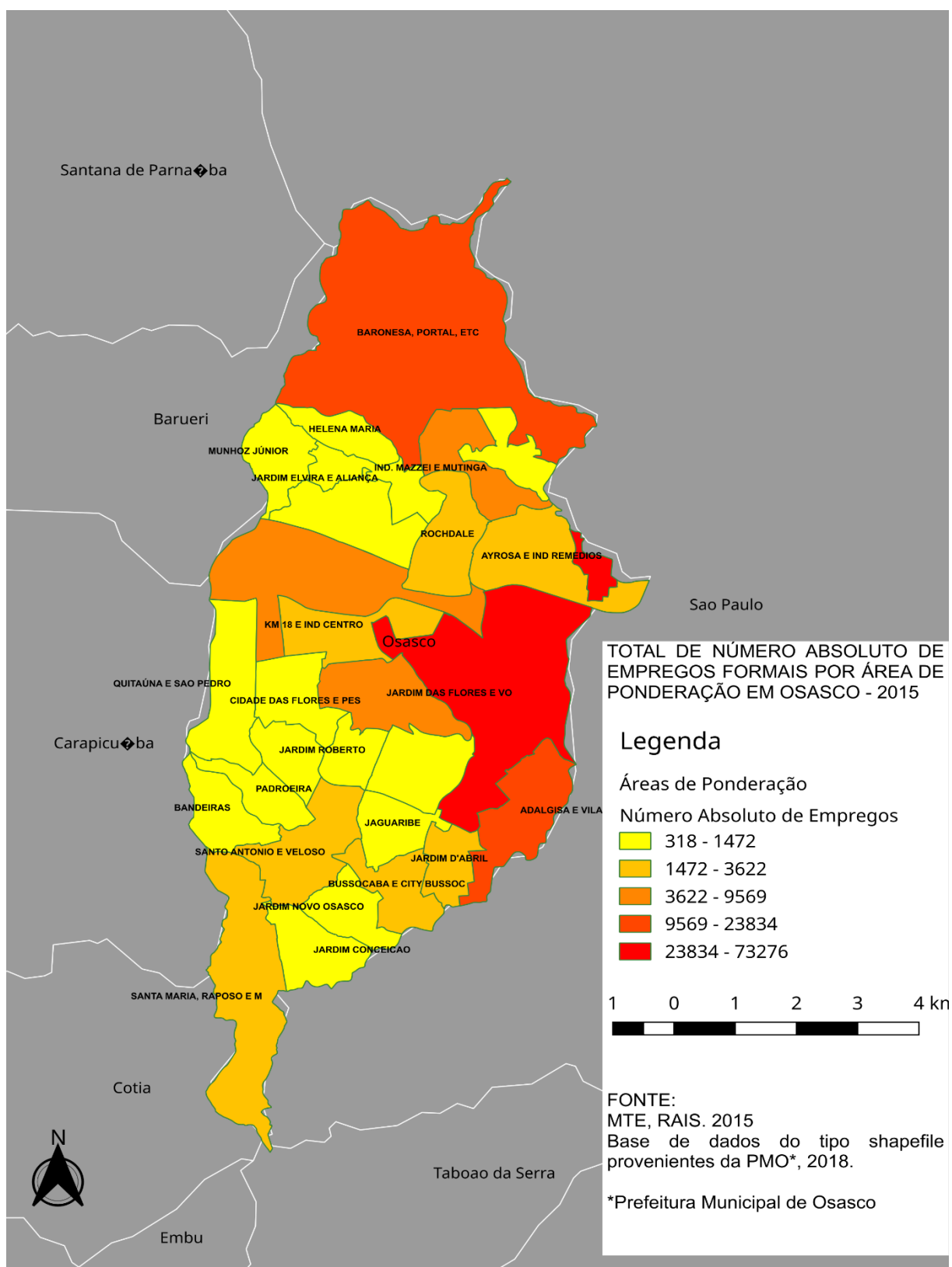
6.10 MAPA 13



6.11 MAPA 14

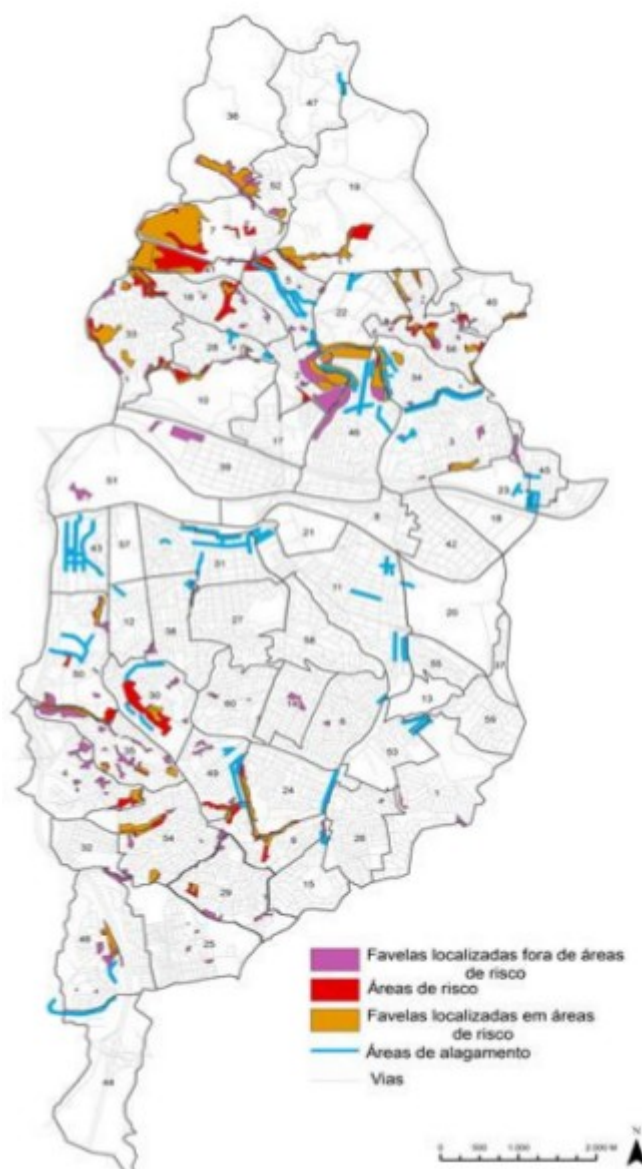


6.12 MAPA 15



6.13 MAPA 16

Favelas, áreas de risco e alagamento em Osasco. Fonte: SEPLAG, 2018



6.14 TABELA 9: CLASSES DE ATIVIDADE ECONÔMICA COM MAIOR PARTICIPAÇÃO NO ESTOQUE SEGUNDO ÁREAS DE PONDERAÇÃO - 2015

Classes de atividade econômica com maior participação no estoque segundo Áreas de Ponderação	
Observatório do Trabalho do Município de Osasco, Áreas de Ponderação. Ano: 2015. Valores em números absolutos.	
Áreas de Ponderação	Classe de atividade econômica - CNAE 2.0
Adalgisa e Vila Yara	Bancos múltiplos, com carteira comercial
Aliança e Jardim Elvira	Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores não especificados anteriormente
Ayrosa e Industrial Remédios	Transporte rodoviário de carga
Bandeiras	Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados
Baronesa, Portal D'Oeste + Bonança, Industrial Anhanguera	Comércio atacadista de produtos alimentícios em geral e Transporte rodoviário de carga
Bussocaba e City Bussocaba	Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, municipal e em região metropolitana
Castelo Branco e Iape	Serviços combinados para apoio a edifícios, exceto condomínios prediais
Centro, Presidente Altino + Umuarama, Cidade de Deus...	Administração pública em geral
Cidade das Flores e Pestana	Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados
Cipava e Bela Vista	Serviços combinados para apoio a edifícios, exceto condomínios prediais
Industrial Mazzei e Mutinga	Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, municipal e em região metropolitana
Helena Maria	Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados
Jaguaripe	Transporte rodoviário de carga
Jardim Conceição	Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados
Jardim das Flores e Vila Osasco	Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas

Tabela 9: Classes de atividade econômica com maior participação no estoque segundo Áreas de Ponderação – Parte 1. Fonte: MTE, RAIS. 2015

Classes de atividade econômica com maior participação no estoque segundo Áreas de Ponderação	
Observatório do Trabalho do Município de Osasco, Áreas de Ponderação. Ano: 2015. Valores em números absolutos.	
Áreas de Ponderação	Classe de atividade econômica - CNAE 2.0
Jardim D'Abril	Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados e Transporte rodoviário de carga
Jardim Novo Osasco	Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados
Jardim Roberto	Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados
KM 18 e Industrial Centro	Comércio de peças e acessórios para veículos automotores e Comércio varejista de ferragens, madeira e materiais de construção
Munhoz Júnior (Parte Sul e Norte)	Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados
Padroeira	Comércio varejista de ferragens, madeira e materiais de construção
Quitaúna e São Pedro	Transporte rodoviário de carga e Comércio atacadista de produtos alimentícios em geral
Rochedale	Transporte rodoviário de carga
Santa Maria, Raposo Tavares e Metalúrgicos	Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados
Santo Antonio e Veloso	Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados
Setor Militar, Bonfim e Piratininga	Outras atividades de telecomunicações e Transporte rodoviário de carga
Vila Menk	Atividades de serviços prestados principalmente às empresas não especificadas anteriormente
Vila Yolanda	Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados

Tabela 9: Classes de atividade econômica com maior participação no estoque segundo Áreas de Ponderação – Parte 2. Fonte: MTE, RAIS. 2015

6.15 TABELA 10: NÚMERO DE EMPREGOS FORMAIS POR GRANDE SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA SEGUNDO ÁREAS DE PONDERAÇÃO EM OSASCO - 2015

Número de empregos formais por grande setor de atividade econômica segundo Áreas de Ponderação					
Observatório do Trabalho do Município de Osasco, Áreas de Ponderação. Ano: 2015. Valores em números absolutos.					
Áreas de Ponderação					
	Comércio	Construção Civil	Indústria	Serviços	Total
Adalgisa e Vila Yara	666	152	140	14.944	15.905
Aliança e Jardim Elvira	392	90	396	307	1.185
Ayrosa e Industrial Remédios	661	859	734	1.368	3.622
Bandeiras	459	69	52	241	821
Baronesa, Portal D'Oeste + Bonança, Industrial Anhanguera...	9.757	832	5.834	7.388	23.834
Bussocaba e City Bussocaba	902	108	51	1.916	2.978
Castelo Branco e Iape	52	31	9	231	324
Centro, Presidente Altino + Umuarana, Cidade de Deus...	19.017	1.815	5.264	47.165	73.276
Cidade das Flores e Pestana	556	11	65	420	1.052
Cipava e Bela Vista	494	175	116	685	1.472
Industrial Mazzei e Mutinga	661	593	1.845	3.645	6.749
Helena Maria	839	21	46	298	1.204
Jaguaripe	198	44	55	215	512
Jardim Conceição	379	68	143	214	805
Jardim das Flores e Vila Osasco	1.169	312	395	3.924	5.800
Jardim D'Abril	616	219	192	813	1.841
Jardim Novo Osasco	1.134	99	73	153	1.459
Jardim Roberto	260	101	216	106	683
KM 18 e Industrial Centro	1.358	70	308	1.243	2.979
Munhoz Júnior (Parte Sul e Norte)	194	12	37	74	318
Padroeira	148	43	56	135	382
Quitaúna e São Pedro	500	6	227	696	1.429
Rochedale	739	203	294	1.095	2.331
Santa Maria, Raposo Tavares e Metalúrgicos	1.896	207	185	341	2.629
Santo Antonio e Veloso	1.582	413	159	727	2.881
Setor Militar, Bonfim e Piratininga	1.355	801	2.252	5.161	9.569
Vila Menk	510	33	83	262	888
Vila Yolanda	198	30	22	624	874
Não Localizado	580	15	397	575	1.567
Total	47.272	7.432	19.646	94.966	169.369
Fonte: MTE, Rais.					

Tabela 10: Números de empregos formais por grande setor de atividade econômica Fonte: IBGE, 2010

6.16 TABELA 11: NÚMERO ABSOLUTO DE EMPREGOS FORMAIS CELETISTAS POR RAÇA/COR SEGUNDO ÁREAS DE PONDERAÇÃO DE OSASCO - 2015

Número de empregos formais celetistas ¹ por raça/cor segundo Áreas de Ponderação		
Área de Ponderação	Branca	Negra (Parda + Preta)
Adalgisa e Vila Yara	11.794	3.656
Aliança e Jardim Elvira	687	447
Ayrosa e Industrial Remédios	1.968	1.089
Bandeiras	445	322
Baronesa, Portal D'Oeste + Bonança, Industrial Anhanguera...	13.085	9.229
Bussocaba e City Bussocaba	1.457	1.363
Castelo Branco e Iape	196	81
Centro, Presidente Altino + Umuarama, Cidade de Deus...	31.637	23.788
Cidade das Flores e Pestana	631	388
Cipava e Bela Vista	835	496
Industrial Mazzei e Mutinga	3.908	2.543
Helena Maria	626	510
Jaguaripe	284	152
Jardim Conceição	494	284
Jardim das Flores e Vila Osasco	3.817	1.514
Jardim D'Abril	1.130	600
Jardim Novo Osasco	939	472
Jardim Roberto	383	269
KM 18 e Industrial Centro	1.797	1.050
Munhoz Júnior (Parte Sul e Norte)	159	106
Padroeira	221	142
Quitaúna e São Pedro	957	368
Rochedale	1.383	800
Santa Maria, Raposo Tavares e Metalúrgicos	1.074	1.460
Santo Antonio e Veloso	1.528	1.133
Setor Militar, Bonfim e Piratininga	5.634	3.458
Vila Menk	525	299
Vila Yolanda	458	390
Não Localizado	923	591
Total	88.975	47.526
<p>Fonte: MTE, Rais.</p> <p>(¹) Os dados apresentados nesta tabela são restritos ao universo dos vínculos celetistas, uma vez que o Ministério do Trabalho não publica essa variável para os vínculos estatutários (Nota Técnica MTE 075/08). Conforme a mesma Nota Técnica, a variável raça/cor deve ser utilizada com cautela, uma vez que carrega caráter subjetivo. Deve-se destacar que a informação de raça/cor é declarada pelo empregador e não pelo empregado, diferentemente do que ocorre com a mesma variável nas pesquisas domiciliares utilizadas no Observatório.</p>		

Tabela 11: Número absoluto de empregos celetistas por raça/cor segundo áreas de ponderação de Osasco - 2015